

Bahia 82  
ano III +200

# BarBatie

Nº 5

ARTE POSTAL E O GRANDE MONSTRO  
★ REVOLTA ESTUDANTIL ★ UFBA  
TEXTOS INÉDITOS: FOUCAULT ★ BURROUGHS ★ DEBORD



# BARBÁRIE



## ÍNDICE

Editorial .....	pág. 1
A Revolta dos Estudantes Residentes da UFba. — Berna e Jorge .....	pág. 2
Os Últimos Fulgores do Crepúsculo — W. Barroughs .....	pág. 12
1906: A Criação da Confederação Operária Brasileira — Edmundo Sento Sé ...	pág. 16
Fragmentsos da Idéia de Corpo entre os Nagô — Paulo Pedro .....	pág. 23
Visão da Noite — Antônio Short .....	pág. 27
Arte Postal — Org. Marcus do Rio e Dário .....	pág. 28
As Malhas do Poder (Final) — Michel Foucault .....	pág. 34
Sem Destino (Final) — Luiz Alfredo Galvão .....	pág. 42
Teoria da Deriva — G. Debord .....	pág. 44
Anarquia e Barbárie — Marcus do Rio .....	pág. 48
Poesia .....	pág. 52
Intercâmbio: Resenhas (Ericivaldo Veiga), Contatos .....	pág. 56

**COLETIVO:** Jorge, Ericivaldo, Dário, Celene, Hilda, Edmundo, Berna, Eduardo, Marcus. **COLABORADORES:** Luis Alfredo Galvão, Nicolas Berh, Nelson Tangerini, Denise Pereira, Douglas D'Almeida, Antônio Short, Gody, WIR Caetano, Paulo Pedro. **CAPA:** Hermes Ribeiro. **ARTE FINAL/CAPA:** Álvaro Júnior. **CONTRA CAPA:** Eduardo Brites. **MONTAGEM:** Zé Melo. **DIAGRAMAÇÃO:** Dário. **ILUSTRAÇÕES:** Zé Melo e Eduardo Brites.

BARBÁRIE REVISTA DE CULTURA LIBERTÁRIA. Caixa Postal 2454 - 40.000 - Salvador - Ba.

Roberto das Neves faleceu a 28.9.81.



unesp

Cedap

Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa  
Faculdade de Ciências e Letras de Assis





## EDITORIAL

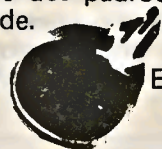
Alguns dos slogans criados pelos *squatters* (grupos de pessoas que ocupam moradias mantidas desocupadas pela especulação imobiliária) na Europa, mostram que não dá mais para ouvir as velhas lamentações do Estado, dos partidos políticos, como também, da ciência. Algumas dessas frases como por exemplo "Façam do Estado uma salada de pepinos", ou então, "Legal, ilegal é tudo igual", e "Todo o poder para ninguém" são respostas à violência do Estado e também uma descrença ou desprezo pelos "planos" e leis do governo. Além do mais, estes movimentos de ocupação, não atuam isolados, paralelamente, fazem protestos contra a instalação de usinas e mísseis nucleares preocupados com a possibilidade de um novo conflito mundial entre outras formas de atuação.

Aqui no Brasil, milhares de pessoas ocupam casas desabitadas, ou mesmo, terras construindo suas próprias casas. O trabalho de ocupação, algumas vezes, é formado por centenas de famílias expulsas de outros lugares por causa da deteriorização e destruição do campo e das cidades provocado pelos interesses estatais e privados. Por outro lado, muitas dessas ocupações não são recentes, algumas possuem 10, 20 e até 30 anos de posse, e, ainda nestes casos, se discute a sua legalidade ou ilegalidade. Para completar o quadro absurdo destas discussões, até mesmo, os grupos indígenas sofrem vários tipos de ameaças de expulsão de suas terras.

A todo instante o Estado vem sendo acionado a fim de conter estes movimentos de ocupação procurando através de medidas institucionais diminuir as tensões e angariar votos para as eleições. Como se sabe, a concentração da propriedade da terra e a sua utilização para especulação imobiliária é muito utilizada não só no Brasil como em todos países do mundo. Dessa maneira, as ocupações se constituem como formas radicais de expropriação da propriedade privada ou estatal.

Além da extrema pobreza das populações que ocupam casas e terrenos aqui no Brasil, o que contrasta em relação aos movimentos radicais de ocupação nos países europeus, é que em algumas delas, o Estado, ou os partidos políticos conseguem manipular. Contudo, por ser exemplos e não uma regra geral, outras rechaçam toda e qualquer interferência estatal e política. Formam associações, constroem as casas coletivamente, criam formas independentes de autonomia e autogestão. Criam-se grupos de estudos, cineclubes, teatros, hortas etc. como alternativas às duras recessões econômicas provocadas pelo governo e empresas privados, isto é, pelo sistema capitalista.

Neste número, entre outros artigos, destaca-se a ocupação da residência estudantil na Universidade Federal da Bahia, que durante quatro anos resistiu contra as manobras da reitoria para expulsá-los. Estas ocupações estudantis vem ocorrendo por todo o país, principalmente, nas grandes cidades criando suas próprias formas de expressão e manifestação cultural, passando por cima da inadequação e morosidade das leis e dos padrões tradicionais da sociedade.



Eduardo

# A REVOLTA DOS ESTUDANTES da RESIDENTES UFBA.



"Quando não mijam-lhe o cú, cagam-lhe na goela."

A MISÉRIA NO MEIO ESTUDANTIL

Edições Pasquim

A Residência do Universitário, que para efeito burocrático era denominada R.1, e o antigo Restaurante Universitário da UFBA., RU, estão situados num casarão da Av. Sete de Setembro n.º 2.382 no Corredor da Vitória, local de residência da pequena burguesia. O Casarão da Vitória, cujos quartos eram distribuídos em três pavimentos: porão, térreo e 1.º andar, alojava cerca de 120 estudantes oriundos de cidades do interior e famílias de baixa renda salarial, que ingenuamente se davam ares de quem subiu na vida, certos de que sua miséria social enquanto estudantes seria compensada pela "vida eterna" do diploma.

Poucos tinham consciência do seu espaço e momento histórico, e da realidade de moradores indesejáveis pela vizinhança pequeno-burguesa. Alguns, dos que se davam conta disto, assumiam uma postura reacionária desde quando lutavam por se assemelhar o mais possível à pequena burguesia e assim serem aceitos. Outros, assumiam uma postura crítica e de contestação, pondo a nú as contradições do sistema, o seu antagonismo das classes.

2



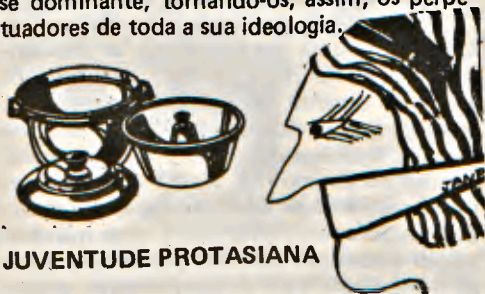
## UMA MERA ILUSÃO: INDEPENDÊNCIA



OU MORTE?

Com a chegada desses jovens a Salvador, com a batalha do Vestibular ganha e confiantes de terem vencido a guerra, uma ilusão: a libertação da família, a "independência" da vida adulta. Ilusão, porque caíam no jugo do Estado, instituição repressiva da qual a família é um pequeno núcleo, e que massacra todos os que a ele se submetem. Esses estudantes, filhos bastardos do Estado, não esperavam encontrar uma situação caótica, devido às más condições de alojamento e alimentação oferecidas pela UFBA. Não que essas condições fossem necessariamente piores que as de que dispunham na família, e sim porque, como estudantes universitários, seriam dignos de um tratamento condizente com o seu novo pseudo-status.

Também desconheciam (muitos ainda desconhecem) que, além dessa situação medíocre, iriam enfrentar também as péssimas condições do ensino "superior", seu baixo nível intelectual, devido a uma política educacional cujo círculo vicioso se faz sentir: ao invés de formar, deforma estes indivíduos, castrando-lhes a capacidade crítica de análise da sociedade em que vivem, impingindo-lhes em consequência um posicionamento passivo e de compactuação com os interesses da classe dominante, tornando-os, assim, os perpetuadores de toda a sua ideologia.



### JUVENTUDE PROTASIANA

A realidade dos Movimentos por Moradia e das lutas nos Restaurantes Universitários, quando assumidas objetivamente e de maneira que extrapola as necessidades imediatas, buscando satisfazer também todas as outras necessidades do cotidiano, assume uma dimensão que foge ao controle e expectativas limitadas de grupos que, assumindo "direções" e se colocando supostamente como

"vanguarda", buscam, dentro de uma visão reacionária, submeter esses movimentos ao seu jôgo de interesses e impedir a sua autonomia. E, quando não conseguem atingir seus objetivos, isolam esses movimentos, através de boicotes às suas lutas, marginalização dos seus membros e mesmo formando alianças com o Estado fascista, numa clara disputa de poder.

Tal quadro se reproduziu na Residência e Restaurante Universitário da UFBA., a partir de 1976, quando as lutas dos residentes/comensais caminhavam para a conquista da liberdade de manifestação e expressão e para a criação de uma entidade autônoma, como meio organizado de defesa de seus próprios interesses frente às intenções da política de assistência a estudantes carentes, e principalmente como meio de resguardar o espaço do RU e Residências da ação desses grupos.

Quando da proposta de criação dessa entidade, membros da diretoria do Diretório Central dos Estudantes, pertencentes à tendência Viração se posicionaram contra/preendendo dirigir essas lutas de fora e desgastando o movimento quando, no final do ano, os estudantes tiveram o Restaurante fechado e fizeram refeições no passeio durante um mês, tendo sido o encaminhamento dado pelo DCE no sentido de que os estudantes não invadissem o Restaurante.

Além da atuação nefasta desse grupo, a repressão intensa por parte do Estado acarretou um descenso do Movimento Estudantil, com o corte de 65 residentes/comensais e a nomeação do torturador e ex-diretor da Penitenciária Lemos de Brito, Osmundo Tosca, para o cargo de Superintendente Estudantil, em 77. Houve uma queda na organização interna da Casa, com a atuação do Movimento de Alienação Juventude Protasiana — Protásio era o funcionário encarregado de distribuir com esses estudantes, através da Superintendência Estudantil, material esportivo, cerveja, bolsas de estudo, ajuda financeira, e até mesmo picolés e sorvetes (ou o doce na boca da criança) e estavam autorizados a apontar os colegas que participavam de movimentos de cunho político.

Em 78, apesar de uma maior organização dos residentes, houve uma intensificação da repressão por parte da Reitoria e Superintendência Estudantil, e as péssimas condições de alimentação e moradia foram mantidas No

final do ano, os estudantes convidaram o Superintendente Osmundo Tosca para participar de uma assembléia, onde reivindicavam a manutenção das Residências e Restaurante abertos na período de férias, tendo recebido uma resposta negativa do Superintendente, que se retira sob vaias e gritos de protesto.



## O AFLORAR DA CONSCIÊNCIA PELA SOBREVIVÊNCIA

Com o retorno dos estudantes do interior à capital para o início das aulas, a Residência encontrava-se fechada, lacradas as portas e janelas com tábuas, correntes, cadeados, e 420 comensais estavam cortados dos seus benefícios, fato que causou revolta aos estudantes, levando-os a invadir a casa e ocupar seus quartos, e deslocarem-se em bloco ao prédio da Superintendência Estudantil para protestar contra essas medidas arbitrárias e exigir do Superintendente Osmundo Tosca a manutenção da Residência e a volta imediata dos colegas cortados.

Esses acontecimentos constituíram um avanço na consciência e ação dos estudantes residentes/comensais, fortalecendo o espaço do RU e Residência como um verdadeiro pólo de lutas objetivas contra a política educacional de instituição do ensino pago, refletindo criticamente a realidade sócio-econômica do país, vinculadas as suas lutas específicas às demais lutas sociais.

O ano de 79 representou um marco, quando os residentes/comensais obtiveram vitórias importantes e conseguiram concretizar sua entidade autônoma, a União Livre dos Residentes e Comensais (ULRC) e eleger sua primeira diretoria. Criada no processo de conscientização e deflagração de lutas concretas, a ULRC caminhou no sentido de novas perspectivas de ação, desprezando as velhas práticas personalistas-oportunistas e se fortalecendo no dia-a-dia pelo trabalho efetivo dos seus membros.



## MORADIA: UM DIREITO QUE SE CONQUISTA

Enquanto as esquerdas autoritárias se articulavam no sentido de resgatar a miséria das classes oprimidas e transformá-la em bandeira de luta política, os residentes/comensais viviam a sua miséria, com o corte das refeições aos domingos e feriados, quando retiraram das despensas do RU gêneros necessários à sua alimentação, realizaram passeatas expondo as bandeijas vazias e outras manifestações até a normalização do atendimento no Restaurante Universitário.

Concomitante com esse processo de luta específica pela alimentação, os estudantes dentro do RU concretizavam sua participação nas lutas mais gerais com a formação de comitês de apoio aos presos políticos do Itamaracá e do Rio de Janeiro, manifestações de apoio à revolução Nicaraguense e participação efetiva na greve dos motoristas e cobradores de Salvador.

A intensificação da repressão por parte do superintendente Osmundo Tosca levou os estudantes a fazer um levantamento de sua trajetória em cargos federais, desde o seu passado como diretor da penitenciária Lemos de Brito onde costumava comandar torturas, até a comprovação de seus atos de corrupção dentro da Superintendência Estudantil. Tais denúncias culminaram com a sua demissão do cargo, em fins de 79.

Mantém-se, por parte do Reitor da UFBA, a mesma intransigência: as Residências e o Restaurante Universitário ficariam fechados durante as férias. Os estudantes organizados, decidiram partir para luta de forma a mais independente possível das instituições do Estado: no dia 31 de dezembro permaneceram nas casas, ocupando o espaço do Restaurante Universitário com manifestações artísticas e partiram para as ruas, pon-do a população a par de sua situação.



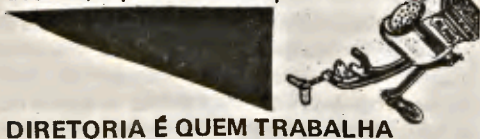
## VERÃO VERMELHO

Na efervescência cultural do verão baiano, paralelo às progromações das casas de espetáculos oficiais, o Restaurante Universitário se colocava como um espaço alterna-

tivo de lazer e desalienação aberto à comunidade, onde estudantes e artistas experimentaram na prática os questionamentos e intervenção no seu processo cultural.

Geraldo Azevêdo, Elba Ramalho, Diana Pequeno, Braúlio Tavares, Carlos Pita, Pitti e Jorge Mautner, foram alguns dos artistas que realizaram shows no RU, compreendendo a importância política do espaço e "dando uma força" ao pessoal. Pedágios, instalações de barracas-postos de arrecadação de alimentos nos pontos centrais da cidade, passeatas e realização de almoços públicos nas escadas da Reitoria, hospedagem de estudantes de outros Estados e Países, foram formas encontradas pelos estudantes de resistir e buscar o apoio da população, não só a nível financeiro mas principalmente político. Apoio que faltou por parte dos membros da direção da União Nacional dos Estudantes que, convidados a participar de uma assembléia no RU, onde se discutiam propostas de lutas, ofereceu apenas o apoio simbólico, e dado as preocupações "elevadas" de seus cargos, recusaram-se mesmo a lavar as bandeiras em que comeram, dentro de um esquema de trabalho coletivo, em que os próprios estudantes geriam a Casa e cada um fazia a sua parte.

Fica claro o papel — como diria? — contra revolucionário das entidades que só assumem as lutas que lhes são convenientes (seu dever seria assumir todas as que venham das bases) e comprometimento de suas "direções" mais com a defesa do poder para os seus grupos e partidos políticos do que com a real situação dos seus representados.



### DIRETORIA É QUEM TRABALHA

Em março de 80, com o início do ano letivo, a estrutura das Residências (a UFBA, dispõe de três: duas masculinas e uma feminina) e do RU apresentava modificações diversas. O movimento organizado, através da União Livre dos Residentes e Comensais, garantiu a extensão do benefício de moradia a estudantes carentes recusados pelo processo de seleção da Sup. Estudantil, onde se sucediam os "apadrinhamentos", constituindo o

novo processo de seleção a própria disposição desses estudantes em se engajarem na luta não apenas para garantir seus direitos, mas principalmente "construir seu espaço", longe o mais possível da determinação dos órgãos oficiais.

Discursos, discussões, acirramento e choque de posições contrárias, era a situação interna da Residência e do Rest. Universitário. Avaliando a sua luta independente, os estudantes se definiam melhor em rumos cada vez mais avançados. Avançar na luta e crescer com ela, era a palavra de ordem impressa na mente de cada um, aprendizado resultante da própria prática.

Combatendo politicamente os grupos de pessoas com práticas fascistas organizados dentro da Residência, e os grupos de pessoas com práticas de esquerda porém autoritárias, os membros da União Livre viram-se com um peso cada vez maior às costas. Ameaças, infiltrações de elementos "policiais" nas assembléias, agressões e até uma tentativa de assassinato contra um deles ocorreram.

Quando da assembléia para escolha de uma nova diretoria da sua entidade, a ULRC, os residentes/comensais enfrentaram uma dura batalha: um documento acusando de Terroristas os seus membros, partindo da direção do Diretório Central dos Estudantes, e tumultos provocados por elementos fascistas, que terminou a socos e cadeiradas. Mas, enfim, as eleições se processaram, os coordenadores apontados a dedo pela maioria, numa tentativa de evitar erros anteriores, quando alguns membros da diretoria da entidade acabaram "desconhecidos" pelas bases por inoperância.



### O CENTRO CULTURAL DO R.U.

A idéia de criação de um Centro Cultural nas dependências do Restaurante Universitário nasceu alguns anos antes, como uma resposta à necessidade de se colocar a questão cultural dentro (e fora) da Universidade como um dos fatores de maior peso no proces-

so de transformação social. Quando da ocupação das Residências e R.U. durante as férias de 80, o Centro Cultural, então idéia já concretizada, se deu como uma proposta nova de aprofundidade da relação artista-público, em que fossem discutidos e não apenas consumidos os produtos artísticos apresentados num questionamento de O que é Arte e Por que se faz Arte. e o papel social da Cultura.

Realizando campanhas de fundos, os estudantes adquiriram equipamentos de som, refletores, um palco e outros materiais básicos, visando montar também uma impressora off-set posteriormente. A partir de meados de 80, o Centro Cultural, através do Cineclube RU, retomou a periodicidade de suas programações. Realizaram-se debates importantes: "Democracia e Desbunde", com Renato da Silveira, artista plástico de renome internacional. "Medicina em Cuba", "Anarquismo no Brasil", sob responsabilidade da Revista Barbárie e jornal O Inimigo do Rei, "O papel do Negro para a transformação da Sociedade", convocado pelo Movimento Negro Unificado, "Cultura x Poder", foram alguns deles.

O Cineclube RU, como pólo mais atuante do Centro Cultural, realizou exposições de filmes como Esposante, Joana Francesa, Luzes da Cidade, Roma Cidade Aberta, Malatesta, e filmes inéditos na Bahia como "A Mãe" e Jari. Numa extensão de suas atividades, o Cineclube RU incentivou a formação e organização de Cineclubes em diversas Escolas da UFBA., propondo um Circuito Universitário, e também em Sindicatos e outras entidades. Tal proposta de Circuito Universitário, infelizmente, findou por ser escamoteada e posteriormente capitalizada pela Superintendência Estudantil via Coordenação de Extensão da UFBA., com a adesão entusiástica de alguns professores e estudantes cuja visão pequeno-burguesa de cultura se caracteriza por dogmas tipo "arte pela arte", sem saber o que está por trás do pano.

Na realidade, a proposta cultural é política do Centro Cultural do RU, por nova, por audaciosa, por perigosa numa sociedade conservadora, superficial e reacionária, não foi completamente, e por vezes nem mesmo parcialmente entendida por todas as pessoas que com ele estiveram envolvidas de alguma

maneira, desde quando exigia um comprometimento dessas pessoas em repensar seus valores, quebrar as barreiras e partir para o novo de olhos abertos e muita coragem.



## FAÇA O QUE NÓS MANDAMOS, NÃO FAÇA O QUE NÓS FAZEMOS

O Princípio Magno da moral burguesa encontra na Residência Estudantil o local susceptível à sua disseminação e reprodução, isso face às contradições ou ignorância dos estudantes enquanto seguidores de sua ideologia, visto que esses estudantes não percebem a engrenagem na qual estão envolvidos e menos ainda os mecanismos determinados da realidade fascista em que vivem.

A sexualidade destes indivíduos mostra-se de maneira extremamente oprimida e repressora. Considerando essa realidade a partir da aparição de mulheres no interior da Residência durante o período de ocupação nas férias de 80, que, com a sua presença política participou da organização do Movimento dos Residentes e coloriu sensualmente o Casarão dos desejos reprimidos, onde até então a única prática de prazer exercitada era a masturbação camuflada para evitar o flagrante dos colegas e inevitavelmente serem expostos em situação ridícula.

A ocupação da Residência Estudantil, além de concretizar o controle e administração da Casa pelo residentes, representou a possibilidade de liberação de preconceitos da moral burguesa (ou moral "oficial") impregnados nesses indivíduos, dentre os quais poucos conseguiram libertar-se, surgindo daí a contradição, principalmente com o retorno de alguns estudantes que não participaram do processo de Ocupação da Casa.

Ao chegar à Residência, esses estudantes encontraram um ambiente contrário a sua formação e vontade individual, chocando-se com o coletivo misto (rapazes/moças) que desenvolviam trabalhos conjuntos por comissões, visando a autonomia da Casa. Deve-se salientar a importância do papel político desempenhado pelas estudantes na Residência, assumindo criticamente as lutas, indiferentes aos tabus determinados pelos estatutos da

Superintendência Estudantil que acima de tudo não permitiam a presença de mulheres na Residência, sendo essa posição reforçada por um grupo de estudantes, que desgraçadamente iam de encontro a si mesmos.

O cotidiano desses indivíduos tornou-se um verdadeiro inferno existencial. Preocupavam-se com a presença das mulheres na Casa e esqueciam o desprezo que lhes era oferecido pela Superintendência Estudantil, as más condições de alimentação e moradia. Nota-se essa preocupação fútil nas suas expressões: "nós não temos mais liberdade de ficarmos nus"; "elas trepam com eles e não cobram nada" — denotando assim, o exercício de sua sexualidade via prostituição.

A questão da moral na Residência Estudantil, contudo, não encerra o aspecto antagônico de comportamento entre os residentes, ampliando-se com as calúnias e difamações de uso da maconha e práticas sexuais veiculadas em jornais oficiais pelo Superintendente Estudantil Paulo Viana, que incapacitado de resolver politicamente a questão, apelava para a imprensa, denegrindo a imagem da Casa e dos residentes. Essas colocações injuriosas eram, e são, também defendidas por estudantes "de confiança" do Superintendente e pela esquerda reacionária do Movimento Estudantil tendo a frente membros da Tendência Viração<sup>o</sup>, que sempre negaram-se a participar de debates cujas discussões versavam sobre temas mais abertos relativos ao comportamento individual e social.

Simultâneo a essa experiência dos residentes, o Governo do Estado promovia seus festivais, carnavais, onde se praticava o uso de drogas sob a vigilância policial que ali se encontrava não para punir, e sim para manter a ordem, visando os seus interesses no período das eleições que estão por vir. E a burguesia, resguardada em seus aposentos de luxo, vive em verdadeiras orgias remontando a própria história dos Impérios.

A Residência Estudantil foi confundida como sendo o único local onde tais práticas tiveram sua origem e continuidade, esquecendo os caluniadores, não por convicção mas por alienação, que esses "preconceitos" se constituem em fenômeno social, e que na universidade e na sociedade como um todo tais práticas, naturalmente, se dão.

NOTA :

<sup>o</sup>Viração — Tendência estudantil ligada ao PC do B.



## MIL GARFOS ME MORDAM

Enquanto os estudantes dentro do RU e Residência se organizavam cada vez mais em apoio às lutas sociais gerais, a exemplo das campanhas financeiras em favor dos metalúrgicos do ABC, trabalhadores demitidos da CESMEL, canavieiros de Pernambuco, etc, suas condições de sobrevivência agravavam-se.

Além das péssimas condições materiais da Residência, o Restaurante Universitário, com um espaço suficiente apenas para cerca de 600 pessoas, servia refeições a um total de quase 1.500 comensais, com um número reduzidíssimo de funcionários para o atendimento, numa exploração ainda maior dos mesmos, ocasionando filas kilométricas e pior qualidade da comida, num crescendo que culminou com a ausência da carne — principal fonte protéica do cardápio — nas refeições.

Os estudantes, após uma assembléia realizada dentro do próprio R.U., participaram em passeata até a Superintendência Estudantil, gritando slogans como "Abaixo a repressão, e carne na refeição" — "estudante com fome não pode estudar". Recebidos pelo Superintendente Paulo Viana, este não deu nenhuma resposta aos estudantes quanto à volta da carne, nem quanto ao concerto da Residência 01, as duas principais reivindicações, referindo-se com evasivas a um "acabou a verba". Os estudantes, diante da resposta insatisfatória, permaneceram no prédio da Superintendência Estudantil, ocupando as salas da burocracia, decididos a só se retirarem quando tivessem atendidas as reivindicações. Lá passaram a noite em vigília, com discussões e exhibições de filmes, alguns colchões e espumas no chão adormecendo os mais cansados. Durante todo o dia seguinte lá se mantiveram, tendo conseguido obter vitórias: às dezoito horas, durante o jantar de protesto realizado em frente à Reitoria, a carne já estava de volta. Alimentados e com a reforma

das Residências prometida, os estudantes voltaram para casa.

Mas a coisa não parou aí. Várias vezes os estudantes foram sobressaltados com novos cortes de verbas. As pequenas deficiências no atendimento aos residentes/comensais foram tornando-se imensas, até ficarem insuportáveis, diante de nenhuma reposta do Reitor e Superintendente Estudantil.

O ano estava acabando, e com ele a ameaça da fome e falta de moradia, com o fechamento do Restaurante e das Residências. No início de dezembro, os estudantes, com a recusa do Reitor em recebê-los, se dirigiram pela segunda vez à Sup. Estudantil, ocupando o prédio pelo período de uma semana, num processo desgastante para os poucos que se empenhavam e, por necessitados, reconheciam a importância de lutar pelos seus direitos. Isolados pelo Reitor e Superintendente Estudantil, que veiculavam notas difamatórias nos jornais da imprensa burguesa, colocando os estudantes como marginais, e pela "direção do Diretório Central dos Estudantes", que estranhamente assumia a mesma posição (vide conchavo), os estudantes dessa vez não obtiveram vitórias.

Diante desse quadro, os estudantes outra vez se viram obrigados a retirar do almoxarifado do R.U. os gêneros alimentícios estocados dez dias antes da data em que o R.U. deveria ser desativado, visando atender suas necessidades durante as férias que se aproximavam. Durante todo o dia 31 de dezembro, os residentes resistiram realizando um AUÊ (Festival de Arte-Música-Dança) no R.U., com a participação do afoxé Badauê, Grupo Pulsa, a presença de Gilberto Gil e outros artistas convidados.

### RESISTIR É PRECISO...



O ano de 81 se iniciou com os estudantes novamente em luta, ocupando e administrando as residências e o Rest. Universitário, hospedando estudantes de outros Estados e países, realizando atividades no Centro Cultural.

A situação interna da Residência se apresentava já bastante conflitada. Poucos tinham consciência clara do seu papel político-social dentro da situação, e da importância de garantir o espaço ocupado, trabalhando para não perdê-lo. Outros, acomodados com a tutela do papai-Estado, preferiram

permanecer sob a tutela dos colegas.

Quando do 1.º ofício expedido pela Sup. Estudantil dando um prazo de 4 dias para que os estudantes se retirassem da casa, alguns procuraram a Superintendência Estudantil, procurando outro local onde ficar, outros voltaram para o interior. Mas, no dia em que se extinguiu o prazo para a desocupação da Casa, os que lá ficaram deram mais uma prova de resistência: saíram às ruas com uma carta-denúncia à população, colocando os motivos porque se recusavam a deixar a casa e à noite realizaram no Centro Cultural um show musical com Dércio Marques e a "festa do sol", com a participação do grupo Bandafo e músicos do afoxé Malê Debalê, numa vigília cultural, política e, por que não dizer, colorida, pela permanência dos residentes na casa.

Nova ofensiva, desta vez com a aparição no Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina de um documento vindo do MEC, em Brasília, e destinado à Assessoria de Segurança e Informação da UFBA., órgão do MEC oficialmente extinto no governo Geisel e que se comprovou a existência através desse documento, que citava nominalmente membros da União Livre dos Residentes e Comensais e buscava informações detalhadas sobre o caráter das lutas levadas a efeito sob sua responsabilidade.



### ANDOR PESA MENOS QUE FUZIL?

Em março, quando da visita a Salvador do Ministro da Educação, General Ludwig, para a inauguração do Campus e do novo RU, em Ondina, os residentes, através da ULRC, lhe fizeram entrega de uma carta onde colocavam sua situação e reivindicavam a manutenção das Residências Estudantis e a gratuidade dos Restaurantes Universitários, criticando a política de implantação do ensino pago do MEC, exigindo também do Ministro um esclarecimento acerca do documento destinado à ASI, o qual declarou desconhecer a procedência desse documento e a existência de órgãos de segurança ligados ao seu Ministério.

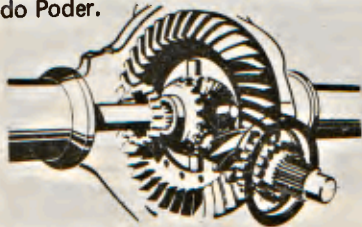
O ponto alto desta visita foi o almoço inaugural do Restaurante Universitários com as presenças, além do Ministro e do Reitor, de outras "estrelas" de menor grandeza na galáxia nebulosa da Educação e de alguns dirigentes de entidades estudantis (DCE e

UNE). Enquanto os estudantes na Residência mal tinham o que comer, as suas "direções" ocupavam lugares à mesa com a elite. Sobre a mesa, além do requintado cardápio, estavam bem a mostra as cartas marcadas do seu jogo político.

Respaldados por atitudes como essa por parte da própria direção do movimento estudantil, o Reitor e Superintendente intensificaram as pressões contra os estudantes. Data de 7 de abril, chega às mãos dos Residentes uma Intimação, assinada pelo Reitor Macêdo Costa, para que desocupassem o prédio no prazo de 48 horas, ameaçando-lhes de penalidades disciplinares "sem prejuízo das medidas jurídicas".

No dia 16 os residentes acordam sobressaltados antes das cinco da manhã: aos pontapés, todos os quartos foram arrombados e os estudantes retirados das camas por agentes da Polícia Federal sob a mira de revólveres e metralhadoras. Nos corredores e em volta da Casa, cerca de duzentos policiais da tropa de Choque da PM se postavam em fileiras, armados de bombas de gás lacrimogêneo e metralhadoras, bloqueando também todas as saídas, desde o Campo Grande até o largo da Vitória. Os estudantes foram postos do outro lado da rua sem lugar para onde ir, tendo sido todos os seus pertences apreendidos ilegalmente pela Polícia Federal. Por megafone, a seca ordem de se dispersarem e a comunicação de que a Casa não mais lhes pertencia.

No dia seguinte, Sexta-feira Santa, acompanhando a Procissão do Senhor Morto na sua subida comovente pelo Largo do Pelourinho, caminhava o reitor Macêdo Costa, ao lado do governador Antônio Carlos Magalhães, carregando o Senhor Jesus Cristo crucificado, como os estudantes, em nome dos interesses do Poder.



### O VETO IDEOLÓGICO

A Revolta dos Estudantes Residentes da UFBa. caracterizou-se pela miséria social em que está jogada, em nosso país, a classe estu-

dantil. Com aspectos mais amplos, visto que esses estudantes não apenas lutavam por um lugar onde comer e dormir, mas pela participação e usufruto da cultura, do lazer e da liberdade que possibilita o crescimento e as transformações individuais e sociais.

Caracterizou-se, também, pela audácia desses estudantes na tentativa de autogerir suas vidas dentro de um espaço arrancado a custo das mãos do Estado, subvertendo o caráter de subserviência imposto aos indivíduos em consequência do recebimento de benefícios (leia-se obrigações) oficiais, questionando na prática o Poder e as Instituições sociais e os conflitos dos indivíduos oriundos das classes menos favorecidas dentro de um sistema que lhes é nefasto, sob todos os pontos de vista, dos mais gerais aos mais particulares, principalmente os problemas mais tocantes à juventude: comportamento e moral, a necessidade de auto-educação, visando o cumprimento de seu papel enquanto agente transformador da sociedade, a criação cultural e, principalmente, a liberdade.

Hoje, esses estudantes se encontram "punidos" sem o conhecimento de que e por quê estavam sendo julgados, impedidos de voltar à Residência Estudantil sob a pecha de "indisciplina", sem que os critérios desse julgamento tenham sido esclarecidos. Afora eventuais interesses em capitalizar a expulsão dos residentes como fato político, pouco ou nada se fez concretamente para solucionar de alguma maneira o problema, já que muitos estudantes estão sem moradia.

Lamentável, também, o caráter de "anarquia" dado aos movimentos independentes pelas esquerdas tradicionalistas e autoritárias quando não conseguem dirigi-los. Por falta de conhecimentos ou má consciência, desconhecem o termo "Anarquia" no seu sentido de autonomia e liberdade, utilizando-o, como o faz a direita fascista, como uma pecha contra os indivíduos que não se submetem às suas "direções" e não rezam segundo o seu catecismo, e tudo fazem para frustrar essas iniciativas de bases que fogem ao seu controle, até mesmo acertos conchavados com o Poder que tanto querem derrubar. Não se distinguindo, ao final das contas, da direita temida e contestada.

(O Movimento Estudantil reflete, em pequeno espelho, a Grande Política).

Como a História tem sempre ironias, a Residência Universitária 1 encontra-se hoje

ocupada por estudantes de confiança do Reitor e Superintendente Estudantil, inteiramente submissos às suas ordens e que jamais fizeram por merecer quaisquer benefícios, se colocando sempre contra os colegas que lutavam por todos. Transportados para a Residência clandestinamente, à meia-noite, em veículos oficiais da Universidade, vivem como prisioneiros, portões fechados com cadeados e correntes, numa casa onde nem a visitas é permitida a entrada. E, se não lutam eles para mantê-la, por quanto tempo ainda terão, uma vez que as Residências Estudantis estão, no plano dos Reitores, fadadas à extinção?

colaboraram neste artigo: Lu, Renato, Wagner, Barcola, Enéas.

ASSUNTO:

ORIGEM: -X-  
AVALIAÇÃO: -X-  
DIFUSÃO ANTERIOR: -X-  
DIFUSÃO ATUAL: ASI/UFBA  
REFERÊNCIA:

RESTAURANTE E RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA/UFBA

INFE Nº 001/80/ASI/UFBA 25 NOV  
INFÃO Nº 277/80/ASI/UFBA 25 NOV  
RADIOGRAMA Nº 067/80/ASI/UFBA 12 DEZ  
RADIOGRAMA Nº 068/80/ASI/UFBA 29 DEZ

ANEXOS:

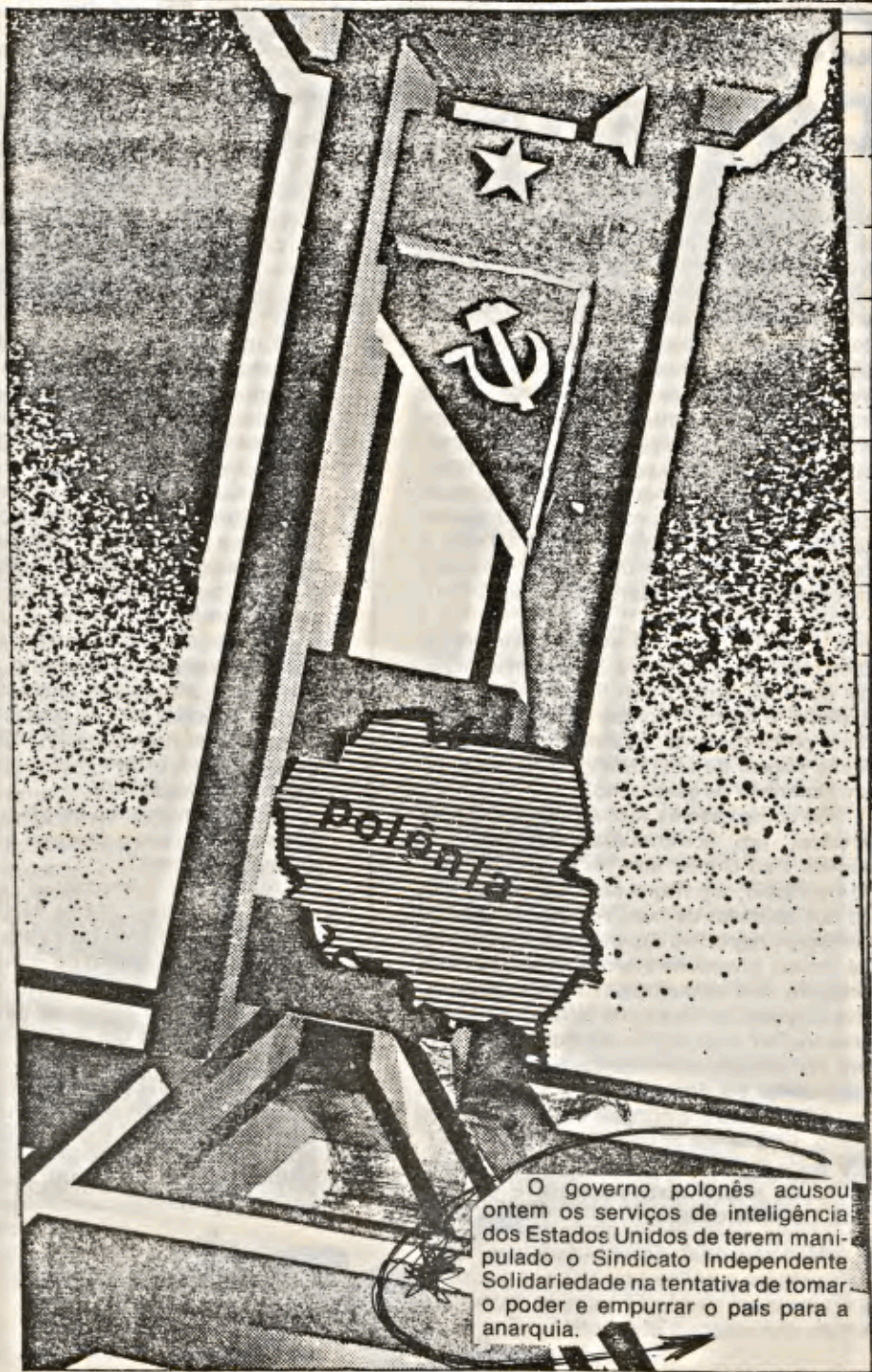
DADOS CONHECIDOS

- a. Os constantes dos expedientes referenciados.
- b. Que foram aproximadamente quarenta alunos que invadiram a Superintendência Estudantil (SE) dessa Universidade, sendo liderados por membros da UNIAO LIVRE DOS RESIDENTES E COMENSAIS (ULRC)
- c. Reivindicavam: abertura do Restaurante Universitário (RU), durante as férias; assistência alimentar gratuita; e vagas para todos os alunos no RU e nas residências.
- d. Sem apoio desocuparam a SE, mas permaneceram na Residência Estudantil (RE), durante as férias, à revelia da Reitoria.
- e. Dia 18 DEZ 80, arrombaram a porta do Almoxarifado do RU e saquearam todos os gêneros alimentícios ali estocados, justificando essa atitude como medida visando a atender suas necessidades básicas, durante as férias escolares.
- f. Foram identificados como principais responsáveis pela "invasão" e "ocupação" da SE os seguintes elementos:

Toda pessoa que tomar conhecimento de  
conteúdo deste documento é responsável pela  
manutenção de seu sigilo.

Art. 12 do Regulamento aprovado  
Decreto nº 74.099/77 (R.S.A.S.)

CONFIDENCIAL



O governo polonês acusou ontem os serviços de inteligência dos Estados Unidos de terem manipulado o Sindicato Independente Solidariedade na tentativa de tomar o poder e empurrar o país para a anarquia.

# OS ÚLTIMOS FULGORES DO CREPÚSCULO

O filme trata de uma conspiração para explodir um trem transportando gás nervoso da costa oeste para a costa leste, onde se pretende lançá-lo no Atlântico. *A conspiração não é política.* Apenas um agente do FBI está alerta para o perigo, e ele não consegue convencer seus superiores de que a conspiração existe. Ele se baseia numa suspeita e de vez em quando duvida da validade da sua intuição. Minutos antes da contagem regressiva ele consegue a evidência de que necessita. Entra em contato com o Presidente. Exército, Marinha, Marines convergem sobre o quartel-general dos conspiradores. O agente do FBI arrebanha a polícia local e lidera a operação de ataque. A operação de ataque e os conspiradores são varridos do mapa. Mari-

nes, Exército, Marinha avançam através de uma pilha de cadáveres e desativam o míssil de controle remoto que foi planejado para explodir o trem. A conspiração é bem sucedida postumamente quando um motorista numa viagem de LSD bate no trem dirigindo um caminhão de gás octano.

Os conspiradores são um meteorologista sociável, um homossexual enfezado, um câmara man chinês, uma lésbica, um pistoleiro mexicano, um negro castrado em seu bêrço por dentadas de rato. A hora e o local da contagem regressiva dependem naturalmente de ventos favoráveis e o meteorologista está ocupado com cálculos contínuos, mapas meteorológicos, barômetros e leituras de vento, observações telescópicas de nuvens e pássaros. Há também instrumentos inventados por ele mesmo. Ele despreza as previsões do tempo. "Não sabem distinguir um tufão de um peido. Está vendo aquele abutre lá adiante? Ele pode lhe dizer mais do que um quarto cheio de mapas meteorológicos e barômetros. Os pássaros sabem."

Enquanto os conspiradores se deslocam através do país o agente do FBI está sempre um passo atrás deles. Suas investigações são dificultadas por sua crença de que a conspiração é política, o que o lança numa série de pistas falsas.

A conspiração é na verdade financiada por uma herança privada. Essa herança foi deixada para Clem o meteorologista por um bilionário excêntrico perturbado com a superpopulação, a poluição do ar e da água e a destruição da vida selvagem.

**BILIONÁRIO** (em seu leito de morte): "Clem, jure por tudo que nos é sagrado que você usará cada centavo desse dinheiro para virar o relógio de volta a 1899, quando um dólar de prata comprava uma boa refeição ou uma boa bunda."

A cena de abertura mostra a Bandeira Nacional tremulando ao vento, vista através do Telstar. Ao fundo toca "Star-Spangled Banner". Corte para o quartel-general dos conspiradores num bangalô 1920 em ruínas. Na parede há mapas meteorológicos e um mapa físico dos E.U.A.

**CLEM** (levantando os olhos do Telstar): "Agora eu só quero que essa brisa continue por mais 48 horas."

Audrey o homossexual está olhando através do Telstar...Aérea Militar. Exército dos E.U.A. Sómente para Pessoas Autorizadas. Do lado de dentro do portão os últimos cilindros de gás nervoso estão sendo embarcados no trem, O Telstar se detém amorosamente no rabo de um jovem soldado que se agacha para pegar um cilindro de gás.

Corte de volta para o quartel-general. Mr. Lee o câmara man chinês toma posse do Telstar. As portas do trem são trancadas. Um PE mascando chiclets e lendo uma revista pornô aperta um botão. O portão se abre e o trem parte.





CLEM (em frente ao mapa dos E.U.A.): "Sabem de uma coisa, eu adoro este país. A única coisa errada com ele são os caras que vivem aqui." (Sua face fica negra de ódio) "FILHINHOS DE MAMÃE BUNDAS MOLES TRAÇAS DE BÍBLIA CHUPADORES DE BUCETA". (Ele sorri e vira para Audrey, Miss Longridge e o cujo nome é Jones) "Mas vocês são gente da cidade. Vocês nunca beberam água fresca da fonte numa tarde de verão. Vocês nunca comeram esquilo frito e salmão com feijão fradinho e framboesas selvagens. Vocês nunca plantaram milho, algodão e tomate e viram eles crescerem. Vocês nunca enfiaram suas mãos no solo e deixaram ele cair através dos seus dedos...marga arenosa...eu já ví com quatro pés de profundidade..." (Ele volta-se para o mapa) "Sim senhor, nós vamos lançar uma tremenda carga de bom fertilizante." (Gesticula com a mão através do Centro-Oeste) "As árvores crescerão novamente, o bisão voltará, o cervo e o peru selvagem."

JONES: "Eu tive um sonho, disse ele".

AUDREY: "As outras pessoas são diferentes de mim e eu não gosto delas".

O câmera man está fazendo tomadas através do Telstar. Miss Longridge está olhando as mulheres nuas do *Playboy*. Tio Mate o pistoleiro mexicano está limpando sua Smith & Wesson 44. É uma bela arma feita de encomenda com cenas de caça gravadas no tambor e no cano, dada por seu patrón trinta anos atrás por "tomar conta de meu infelizmente irmão o General". Jones está pegando um pisco.

Corte para o agente do FBI andando pra cima e pra baixo em seu Gabinete. Seu nome é Rogers.

ROGERS: "Vou lhe contar um sonho que eu tive. Eu via um trem explodir e aque-

le gás varrendo a Costa Leste".

Seu assistente Mr Falk é meio cínico e descreve a si próprio como "um colarinho-branco vagabundo que trabalha para esse louco governo americano".

FALK: "Você vai contar o seu sonho pro Chefe, Joe?"

ROGERS (pegando o telefone): "Não, mas vou pedir a ele mais agentes."

A estória de cobertura dos conspiradores é que eles estão filmando um documentário sobre a América. Clem é o diretor, Lee o câmera man, Audrey o roteirista, Miss Longridge a produtora e Tio Mate o guarda do estúdio. O filme naturalmente é um documentário sobre a América. As músicas-tema são: "The Star-Spangled Banner", "América I Love You", "From Sea to Shinning Sea", "Don't Fence Me In", "Home on the Range", "The Red River Valley".

Rogers encontra a companhia cinematográfica no Curral O.K. em Tombstone. Ele tem uma suspeita intuitiva. Contudo uma investigação não revela nenhuma conexão política e ele abandona a busca.

Incidentes acontecem enquanto os conspiradores se deslocam de um ponto para outro seguindo o trem.

Num motel deserto Audrey estupra um jovem marinheiro sob mira de pistola enquanto Lee filma impassivelmente a cena.

AUDREY: "O.K. CORTE..." (vira-se para o marinheiro) "Você pode vestir sua roupa agora... E agora vamos ver o mais rápido que você é capaz de correr."

O marinheiro decola feito um coelho e alcança o topo de uma colina quarenta e cinco metros adiante. Tio Mate faz pontaria e dispara. Tio Mate pode derrubar um abutre no ar com sua 44.

Miss Longridge curra duas caronistas. Então, completamente nua, mata as duas com um bastão de beisebol.

Eles param num posto de gasolina e businam. Como ninguém vem atender Jones salta para encher o tanque. Nesse momento o proprietário do posto, um homem da lei matador de pretos com seis entalhes em sua pistola, aparece por uma porta lateral.

HOMEM DA LEI: "Afastese dessa bomba, rapaz."

JONES: "Sisinhô patrão." (ele ensopa o homem da lei com gasolina e toca fogo)

Jones que é viciado deixa uma trilha de farmacêuticos mortos.

Audrey é impedido sob mira de pistola de praticar o estupro coletivo de uma tropa de escoteiros.

Tio Mate derruba um helicóptero do exército.

Clem faz uma advertência a seus impetuosos companheiros.

CLEM: "Assim também já é muita zona. Estamos deixando uma trilha feito uma manada de elefantes."

Eles são detidos por três tiras que não engolem a estória da filmagem apesar do papo malandro de Clem.

TIRA: "Vamos descobrir quem são vocês."

Clem abana as mãos resignadamente e faz um sinal para Tio Mate.

TIO MATE: "Eu vou mostrar quem somos, *senhores*. (ele os mata com três tiros)

CLEM (saltando do carro): "Agora como é que isso vai parecer? Três tiras mortos com um buraco bem no meio dos olhos. Eu admito que é gozado ha-ha mas também é curiosamente peculiar."

Poem os tiras no carro da polícia, incendiam o carro e lançam-no num penhasco.

Um padrão está emergindo...farmacêutico assassinado. Piloto de helicóptero morto por uma bala calibre 44...Numa suspeita Rodgers pede a autópsia dos três tiras encontrados no carro incendiado. Todos três foram mortos por uma bala de grosso calibre na cabeça...corpos nus de duas caronistas encontradas sob uma ponte ferroviária com suas cabeças moidas feito geléia...jovem marinheiro assassinado por uma bala calibre 44 nas costas...é melhor abrir ele também...recente sevícia...Enquanto isso as mensagens estão chegando...Depósito do governo inva-

dido ... grande estoque de seringas descartáveis de atropina roubado ... Negros, Porto-Riquenhos, Chineses, Viados e Lésbicas deixando a costa leste em multidões. Subtamente algo o atinge como um relâmpago ... A COMPANHIA CINEMATOGRAFICA.

O dia é 17 de setembro. Um furacão se aproxima. A companhia cinematográfica está numa velha fazenda reconstruindo o bangalô 1920. O local é Palm Beach. Minutos para a contagem regressiva...Lá fora o vento está soprando.

Clem está na sacada olhando as ondas batendo contra o quebra-mar.

CLEM: "MASSA."

Rogers corre para a delegacia de polícia em West Palm Beach.

ROGERS: "FBI; ME DÊ UM TELEFONE."

Ele comanda a força policial de Palm Beach e West Pal Beach. Eles correm pelas ruas varridas pelo vento tocando as sirenes. As árvores voam pelo ar. Um carro cheio de tiras é eletrocutado por um fio de alta tensão. Eles voam pela estrada cheia de mato e cercam a casa. Os conspiradores estão em inferioridade numérica de dez para um, mas têm bazucas, lançadores de morteiros, metralhadoras e bombas de fósforo. Enquanto a batalha esquenta o furacão atinge plena força. Quando os Marines, o Exército e a Marinha chegam todos estão mortos de ambos os lados. A mão de Clem está a algumas polegadas do painel de controle.

GENERAL DE CINCO ESTRELAS: "Obrigado Senhor, por chegarmos a tempo." (ele olha para os cadáveres) "E obrigado Senhor, por homens como esses." (dá ordem ao corneteiro para o toque de silêncio)

Corte para o motorista drogado descendo um longo declive colado ao chão com o furacão atrás. Ele berra "The Battle Hymn of the Republic".

HE HATH LOOSED THE FATAL LIGHTNING OF

HIS TERRIBLE SWIFT SWORD

HE IS TRAMPLING OUT THE VINTAGE WHERE

THE GRAPES OF WRATH ARE STORE

HE HAS SOUNDED FORTH THE TRUMPET THAT

SHALL NEVER CALL RETREAT:

Ele bate no trem. Cilindros de gás branco

e quente explodem até as alturas. O furacão atinge o norte espalhando nuvens de gás nervoso pelo céu prateado.

O filme termina com "The Star-Spangled Banner" tocada suavemente num tom baixo enquanto a câmera mostra vistas aéreas das

idades mortas com rápidos close-ups através do Telstar. A câmara vai se afastando com a música sempre diminuindo. A última tomada mostra as faces fantasmagóricas dos conspiradores contra um vazio céu crepuscular. Eles acenam e sorriem.

William Burroughs  
(trad. Marcus do Rio)

até quando? !...

todo dia o mesmo sol?  
o mesmo som?  
o mesmo nó?  
o mesmo dó?  
a mesma dor?  
e o mesmo ardor do mesmo amor?

todo dia o mesmo não? ou sim?  
o mesmo govêrno chinfrim?  
a mesma cachaça ruim?  
o mesmo fígado e rim?  
a mesma calça de brim? o mesmo estadão  
e pasquim?

o mesmo começo de mesmo fim?

todo dia o mesmo louco?  
o mesmo dinheiro pouco?  
o mesmo negro no toco?  
o mesmo grito tão rouco?  
a mesma porrada no coco?  
a paga no mesmo troco?  
e sempre esse mesmo sufoco?

sei não...

uBIRAJara araujo moreira



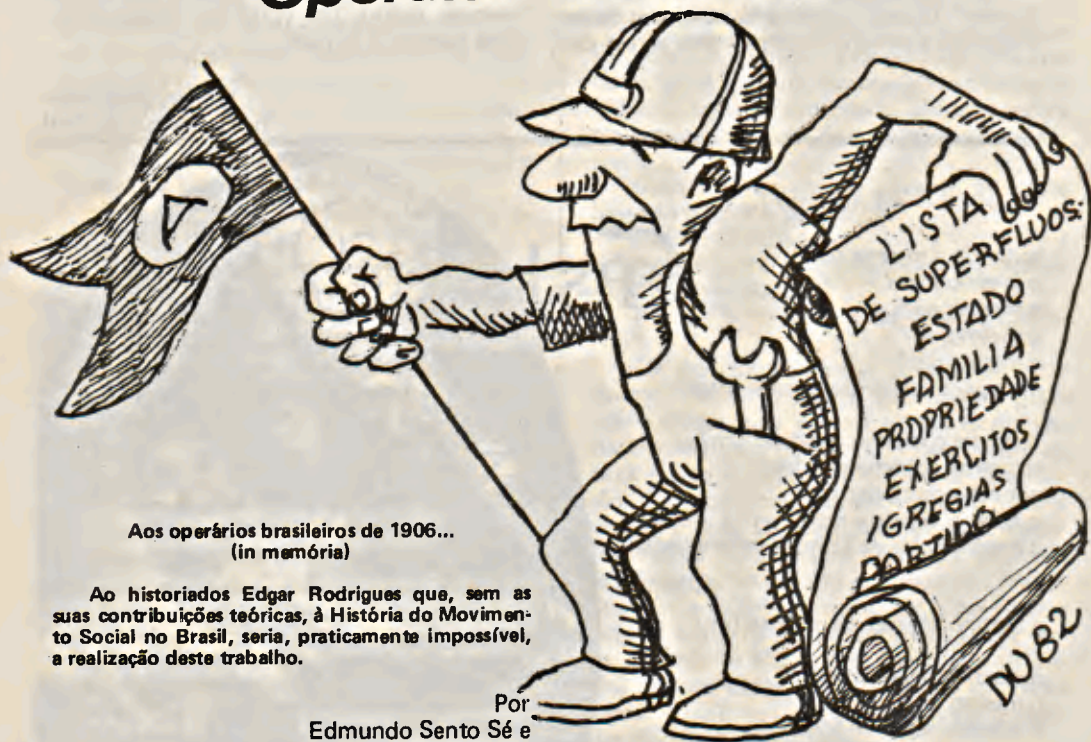
próximo número: ecologia

galeria  
13

rua gravatá 37  
salvador bahia

documento

# 1906: A criação da Confederação Operária Brasileira



Aos operários brasileiros de 1906...  
(in memória)

Ao historiador Edgar Rodrigues que, sem as suas contribuições teóricas, à História do Movimento Social no Brasil, seria, praticamente impossível, a realização deste trabalho.

Por  
Edmundo Sento Sé e  
Maria Helena

A Confederação Operária Brasileira (COB), nasceu a partir da condensação das aspirações dos trabalhadores brasileiros, na época, em tentar criar uma organização à nível nacional, cuja sua estrutura, comportasse todas as Associações, Ligas, Centors, Federações e Uniãoes Sindicais de Ofícios Vários, em todo o país. Mas, sem contudo, corromper ou diluir a autonomia dessas organizações de base. Em outras palavras, a COB reflete uma tentativa viável de uma organização nacional de trabalhadores; descentralizada, não burocratizada e anti-autoritária.

Foi, precisamente, com a aprovação de uma moção; durante a realização do 1º Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, na Rua Constituição nº 30/32, "Centro Galego", no período de 15 a 20 de abril de 1906, com encerramento solene no

dia 22 de abril do mesmo ano, no Teatro Lucindal. Eram estas as delegações presentes: *Rio de Janeiro*: "Associação de Resistência dos Trabalhadores em Carvão Mineral" — Belizário Pereira de Souza e Firmino Rodrigues Alonso, "Associação de Classe União de Chapelheiros" — José Arnaldo de Carvalho e Antônio Pipes G. Sola, "Associação de classe dos Manipuladores de Tabacos" — Melchor Pereira Cardoso e Mariano Garcia, "Associação de Resistência dos Trabalhadores em Trapiches e Café" — Francisco Guilherme Chaves e Anselmo Rosas, "União dos Operários nas Padarias" — Antônio da Silva Barão e Marcelino da Costa Ramos, "Centro dos Operários Marmoristas" — José de Souza Azevedo e João Arzua dos Santos, "Centro dos Empregados em Ferrovias" — Domingos Gomes Sobrinho e Francisco Camillo Soares, "Centro dos Operários do Jardim Botânico"

— Albino Moreira e Antônio Domingues, "Liga Operária Italiana" — Pedro Bernabucci e Silvío Passaglia, "Liga dos Artistas Alfaia-tes" — Cândido Costa e Alfredo Vasques, "Liga das Artes Gráficas" — Luiz Magrassi e Motta Assunção, "União dos Operários Esti- vadores" — Manuel dos Santos Valente e Manuel Ignácio de Araújo, "União dos Cor- relatos e Artes Correlativas" — Félix Ale- xandre Pinho e Auto Negreiros, "União dos Carpinteiros e Artes Correlativas" — João Beventura e Manuel dos Passos Nascimento Bahia, "União Operária do Engenho de Den- tro" — Benjamim Moysés Prins e José Rober- to Vieira de Messo, "União dos Artistas Sa- pateiros" — Códio de Brito e Victorino Pe- reira. *Campos*: "Centro Operário de Cam- pos" — Damásio Gomes da Silva. *Estado de São Paulo*: "Federação Operária de São Pau- lo" — Fernando Frejeito, Manuel Domingues de Almeida, Júlio Sorelli, Edgard Leuenroth, Ulisses Martins, Gralampio Trillas, Carlos Dias, Manuel Moscoso, Fernando Bendad e José Sarmento Marques, "União dos Traba- lhadores Gráficos" — Eduardo Vassiomon e Augusto de Altro. *Campinas*: "Liga Operária — Alfredo Vasques e Antônio Augusto do Amaral Chaves. *Ribeirão Preto*: "União Ope- rária" — Manuel Ferreira e Arnaldo José Car- valho. *Estado de Pernambuco*: "Centro Pro- tetor dos Operários de Pernambuco" — José Hermes de Olinda Costa. *Estado do Ceará*: "Centro Artístico Cearense" — Antônio Au- gusto Pinto Machado e Benjamim Prins. — que marcou o nascimento da Confederação Operária Brasileira.

Vejam os que dizia a moção: "Conside- rando que a ação operária constante, maleá- vel e pronta, sujeita às diversas condições de tempo e de lugar, seria grandemente embara- çada para uma centralização;

Que a solidariedade deve ser onsciente e o concurso de cada unidade só tem valor quando voluntariamente dado;

Que o abandono do poder nas mãos de poucos impediria o desenvolvimento da ini- ciativa e da capacidade do proletariado para se amancipar, com o risco ainda de serem os seus interesses sacrificados aos dos seus dire- tores;

Que o desenvolvimento da indústria faz- se no sentido de exigir de todos os trabalha- dores, sem distinção de ofícios, uma solida- riedade cada vez mais estreita, tendendo a abolir as barreiras que separam as corpora- ções de ofícios.

Que a união de socieades por pactos fe- derativo garante a cada uma a mais larga au- tonomia, devendo este princípio ser respei- tado nos estatutos da Confederação Operária Brasileira;

O Congresso considera como único mé- todo de organização compatível com o irre- primível espírito de liberdade e com as im- periosas necessidades de ação e educação operária, o método federativo, a mais larga autonomia do indivíduo no sindicato, do sin- dicato na federação e da federação na confe- deração e, como unicamente admissíveis sim- ples delegações de função sem autoriddade".

Aprovada a moção, o Congresso encami- nhou a futura forma organizativa da Confe- deração. Alí, os operários presentes discuti- ram, e em seguida aprovaram o estatuto da C.O.B.<sup>3</sup>. "Fins: 1 — A Confederação Operá- ria Brasileira, organizada sôbre as presentes bases de acôrdo, tem por fim:

a) Promover a união dos trabalhadores assalariados para a defesa de seus interesses morais e materiais, econômicos e profissio- nais;

b) Estreitar os laços de solidariedade en- tre o proletariado organizado, dando mais força e coesão aos seus esforços e reivindi- ções, tanto moral como materialmente;

c) Estudar e propagar os meios de eman- cipação do proletariado e defender em públi- cco as reivindicações econômicas dos traba- lhadores, servindo-se para isso de todos os meios de propaganda conhecidos, nomeada- mente de um jornal que se intulará "A Voz do Trabalhador".

d) Reunir e publicar dados estatísticos e informações exatas sôbre o movimento ope- rário em todo o país.

Constituição:

2 — A Confederação Operária Brasileira é formada por:

a) Federações locais ou estaduais de sin- dicatos;

b) Federações locais ou estaduais de in- dústria ou de ofícios;

c) Sindicato isolados de lugares onde não existam federações locais ou estaduais ou de indústria ou de ofícios não confederados.

3 — Cada organização aderente à Confe- deração terá um delegado por cada sindicato na Comissão Conferencial. Esse delegado de- ve ser sócio de uma sociedade aderente. Os sindicatos isolados terão igualmente um re- presentante cada um.

4 — Só os sindicatos exclusivamente formados de trabalhadores salarizados e que tenham como base principal a resistência, podem fazer parte da Confederação.

5 — A Confederação não pertence a nenhuma escola política ou doutrina religiosa, não podendo tomar parte coletivamente em eleições, manifestações partidárias ou religiosas, nem podendo um sócio qualquer servir-se de um título ou de uma função da Confederação em um ato eleitoral ou religioso.

6 — Cada sindicato aderente contribuirá para as despesas com uma cota mensal de 20 réis por cada um de seus membros.

7 — A comissão Confederal terá a sua sede no Rio de Janeiro.

8 — A Comissão Confederal distribuirá entre os seus membros os diversos encargos, que nunca poderão ser de poder ou de mando.

9 — Cada Comissão Confederal exercerá a sua função durante dois anos, a contar do dia 1º de janeiro.

O jornal:

10 — O órgão da Confederação será redigido por uma comissão escolhida entre os seus membros e pela Comissão Confederal, e publicará segundo esta ordem de preferência:

1º — Informação sobre o movimento operário e associativo:

a) Resumo de resoluções das sociedades aderentes;

b) Convocações e avisos das sociedades aderentes;

c) Artigos que a redação considerar contidos nos limites marcados pelas bases de acordos, assim como redigidos de modo compreensível e isentos de questões pessoais.

11 — O Congresso dirá cada ano, se a redação do jornal correspondeu à confiança nela depositada.

O Congresso:

12 — A Comissão Confederal deverá abrir, em fevereiro de cada ano, um referendium entre as sociedades aderentes, sobre a data e a sede do Congresso anual.

13 — Ao Congresso deverá a Comissão Confederal apresentar o relatório dos seus trabalhos durante o ano'

14 — A resposta deverá ser dada no prazo de dois meses, depois do qual a Comissão Confederal publicará uma circular com a data, lugar e com os temas propostos.

15 — Se a resolução do Congresso, devendo ser executada pela Comissão Confe-

deral, exigir uma despesa além da cota mensal marcada nas bases presentes, não tem que a pagar a sociedade que não estiver em condições financeiras''.

Foram as primeiras organizações que aderiram a Confederação Operária Brasileira: União dos Operários das pedreiras, Associação de Resistência dos Trabalhadores em Carvão Mineral, e Centro dos Operários Marmoristas, União dos Operários Estivadores, Centro dos Empregados em Ferrovias, União dos Chapelheiros, União dos Operários Correios e Artes Correlativas, Liga Operária Italiana, Liga dos Artistas Alfaiates, União dos Carpinteiros e Artes Correlativas, União dos Manipuladores de Tabaco, Associação de Resistência dos Trabalhadores em Trapiches de Café, Centro dos Operários do Jardim Botânico, Liga das Artes Gráficas, União dos Maquinistas Terrestres, Liga dos Carpinteiros e Colafates Navais, União dos Recebedores em Ferrocarris, Sociedade de Classe dos Marcineiros, Sociedade Protetora dos Operários Funileiros, Bombeiros e Gasistas, União Operária de Engenho de Dentro, Centro Internacional dos Pintores, Federação Operária, União dos Trabalhadores Gráficos, União Operária de Ribeirão Preto, Liga Operária de Campinas, União dos Trabalhadores Gráficos de Campinas, União dos Artistas Sapateiros, Sociedade Internacional dos Operários, União Operária Alagoana, Federação Socialista Baiana, Centro Operário de Campos, Centro Operário Fluminense, União Operária do Rio Grande do Sul, Junta Auxiliadora dos Operários, Centro das Classes Operárias.

Torna-se significativo ressaltar que é, somente, a partir de 1908, que a C.O.B. entra em franca atividade; com sede na Rua do Hospício, 156, Rio de Janeiro. Tendo à frente, como 1º Secretário Geral, Ramiro Moreira Lobo<sup>5</sup>. Estamos alertando para este detalhe, data, porque, erroneamente, o historiador Leoncio Basbáum, no seu 2º volume de "História Sincera da República" faz a indevida citação: ... "Somente em 1908, ao ser fundada no Rio e C.O.B. vemos pela primeira vez diferentes sindicatos Operários de categorias profissionais, as mais diversas, unirem-se para uma luta em conjunto..." A verdade é que a C.O.B. foi fundada em 1906 e não em 1908, como afirma o historiador. Em 1908 a C.O.B. teve marcado o início de suas atividades propriamente dita, mas, contudo, já estava, ou já tinha sido fundada desde a realização do 1º Congresso Operário

Brasileiro, em 1906.

Outra resolução de extrema importância, durante a realização do 1º Congresso, e que, seguramente veio a dar, no futuro, maior substância a Confederação, foi, como vimos anteriormente, a criação do jornal "A Voz do Trabalhador". Este seria o "porta-voz" da nova organização. Sua primeira publicação data em 01 de fevereiro de 1908, e tinha à frente, como orientador, o militante anarquista Manuel Moscoso, além, de outros colaboradores que formava a comissão de redação.

## A ÉPOCA

Torna-se significativo fazermos um breve balanço da época, para que assim, possamos, situar melhor o 1º Congresso e nele, conseqüentemente, a criação da C.O.B.

É neste período que o Brasil conhece a sua real fase de ruptura entre o modelo de produção agrário vigente e o verdadeiro processo de industrialização emergente. O café, então o maior produto de exportação brasileira, entra em crise. A conseqüência é desastrosa: Aumenta as imigrações interna, para os centros urbanos e, mão-de-obra barata é absoluta pela indústria.

O dia-a-dia do operário brasileiro trazia, reflexos imediatos às suas lutas e formas de organização. Trabalhavam em média de 12 horas por dia, os salários eram baixíssimos, o camponês, por exemplo, vivia em regime de semi-escravidão. As contradições entre capital e trabalho eram marcantes. Enfim, as condições sócio-econômica os favoreciam, no sentido de possuírem maior gama de reivindicações, a sua disposição. E, por conseguinte, dar um maior impulso as lutas de classe.

Por outro lado, nesta época, os trabalhadores viveram, qualitativamente, um dos períodos mais áureos, em toda sua história. A consciência de classe era marcante. Por certo, os emigrantes europeus; principalmente da Itália, Espanha e Portugal; contribuíram, decisivamente, nesta "tomada de consciência". Somados, claro, as contradições econômicas vigentes.

Dentro destas perspectivas, foi que as organizações operárias de caráter político, marcante na segunda metade do século XIX, gradativamente, viu-se, substituídas, por novas organizações sem dúvida de luta. E o marco histórico destas novas organizações, concre-

tizou-se com a criação da C.O.B.

Ideologicamente, os trabalhadores confirmaram suas inclinações, no 1º Congresso, pelos ideais anarquistas. — apesar de lá, estar presentes, socialistas-marxistas, ala minoritária. — Isto, devido a basicamente quatro fatores:

1º — Tradição histórica dos ideais anarquistas, trazidas pelos emigrantes europeus.

2º — Época marcada pela não influência do Estado.

3º — Estruturas organizacionais fundamentadas no Apoio Mútuo, Lutas de Classe e Ação Direta — bem compreendidas, na época, pelos trabalhadores.

4º — Forte influência anarco-sindicalista, da vizinha Argentina.

Diz Vamireh Chacon<sup>7</sup> que, (no 1º Congresso), "...nele se chocaram as correntes socialistas e anarquistas, a primeira, querendo fundar um partido, a segunda, querendo uma 'organização sindical apolítica' o que efetivamente foi feito: A Confederação Operária Brasileira".

Efetivamente, a posição anarquista impulsionou todo o movimento operário brasileiro até, pelo menos, 1937. E, para o bem ou para o mal, a C.O.B. veio conciliar estas idéias.

## A MOÇÃO

Vamos, agora, tentar fazer uma rápida análise da moção, que marcou a criação da C.O.B.. Por questões metodológicas, faz-se necessário desmembrar o texto em 3 partes distintas:

3.1 — "Considerando que a ação operária constante, maleável e pronta, sujeita às diversas condições de tempo e de lugar, seria grandemente embaraçada para uma centralização;

Que a solidariedade deve ser consciente e o concurso de cada unidade só tem valor quando voluntariamente dado..."

Aquí, vemos uma preocupação muito grande, por parte dos operários, em criar uma organização *descentralizada e unificada da orgânicamente nas bases*, respeitando a espontaneidade das ações. Antes mesmo da fundação da C.O.B., as associações já se inclinavam pelo anarcasindicalismo, ou sindicalismo revolucionário, e, o intercâmbio entre as federações operárias do Brasil e os sindicatos europeus eram efetivos. Inclusive, muitas fe-

derações locais eram associadas a AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), com sede na Europa.

Assim, a questão da "centralização" era, para eles, uma palavra que deveria ser abolida de cada dicionário operário. Exploravam o espontaneísmo das ações, *Ação Direta*, e só aceitavam a unidade, quando orgânica, nunca formal. Podemos afirmar que, sem sombra de dúvidas, estes eram os pontos básicos, para fazer frente ao patronato. Ou seja, a *Unidade Orgânica e Ação Direta*.

3.2 — "...que o abandono do poder nas mãos de poucos impediria o desenvolvimento da iniciativa e da capacidade do proletariado para se emancipar, com o risco ainda de serem os seus interesses sacrificados aos dos seus diretores;

Que o desenvolvimento da indústria faz-se no sentido de exigir de todos os trabalhadores, sem distinção de ofícios, uma solidariedade cada vez mais estreita, tendendo a abolir as barreiras que separam as corporações de ofícios;..."

É admirável o senso de auto-organização e solidariedade que possuíam os operários. Não se deixavam enganar ante as "malhas do poder". E, sabiam, como ninguém, que se o poder vingasse no seio da Confederação, o trabalho de anos, ter-se-ia ido água abaixo. Impediria o seu próprio desenvolvimento emancipador.

A figura do chefe, do partido, tinham que ser necessariamente, abolida. Mesmo às custas de rachas no movimento, como todo. Tanto que, os poucos socialistas-marxistas que estiveram presente ao 1º Congresso, nada puderam fazer para impedir a criação da C.O.B., nos moldes que ela saiu.

Outro fato curioso nesta passagem é que os trabalhadores da época, já via na indústria emergente, o seu caráter divisionista. O Taylorismo. Assim, a solidariedade era fundamental, e se fazia presente.

3.3 — "...que a união de sociedades por pactos federativos garante a cada uma a mais larga autonomia, devendo este princípio ser respeitado nos estatutos da Confederação Operária Brasileira;

O Congresso considera como único método de organização, compatível com o irremediável espírito de liberdade e com as imperiosas necessidades de ação e educação operária, o método federativo, a mais larga autonomia do indivíduo no sindicato, do sindicato na federação e da federação na Confe-

deração e, como unicamente admissíveis simples delegação de função sem autoridade".

Talvez aqui, esteja a abordagem de maior importância do texto. Isto, porque, conclui e condensa tudo o que foi dito anteriormente. Ou seja, a estrutura de organização, em si, como definidor de parte de um momento histórico determinado. A organização formal proposta no texto é sindicalista revolucionária ou anarco-sindicalista.

Nele, os operários rejeitam os princípios de autoridade, da ação política, do Estado, do poder. Exclui o reformismo, o chefe. E, propõe a autonomia, e internacionalismo das lutas, a solidariedade; e respeito ao indivíduo, como célula fundamental da sociedade; a liberdade, a livre ação e, fundamentalmente, um sindicalismo que tivesse capacidade de impulsionar a sociedade, para transformações radicais nas relações de produção. Uma ação (direta) contra o capital. Isto tudo transpira no texto, direta ou indiretamente.

Pierre Bernard, em seu livro "Os Sindicatos Operários e a Revolução Social"<sup>8</sup> nos dá um breve esquema para que melhor possamos compreender o sindicalismo revolucionário, e assim a C.O.B.:

*"Organização Geral do Sindicalismo Revolucionário no plano econômico.*

O trabalhador;

O Comitê de oficina (órgão do sindicato industrial).

O Conselho de Fábrica (órgão do sindicato industrial)

O Sindicato da Indústria

A União Local dos Sindicatos

União Regional dos Sindicatos

A federação Nacional da Indústria (órgão técnico)

A Federação Regional da Indústria; (órgão técnico)

A Confederação Geral dos Trabalhadores

O Conselho Econômico de Trabalho (órgão técnico)

*No plano político*

O indivíduo

A comuna, com os seus serviços especiais.

A federação regional das Comunas; (com os seus secretários especiais).

A Confederação geral das Comunas (com os secretários especiais).

O Conselho Econômico e Social

O Grande Conselho dos Trabalhadores.

### *No plano Social*

Secretariado de permuta e distribuição com os seus escritórios e armazéns.

Secretariado de Habitação;

Secretariado dos trabalhadores públicos e transportes.

Secretariado de Estatísticas;

Secretariado de Higiene;

Secretariado de Segurança Social;

Secretariado de Educação e Férias;

Secretariado de Assistência Social;

Secretariado de Relações Exteriores."

A idéia era a seguinte: A união dos sindicatos de bases (autônomas), formariam as uniões locais e federações. Estas, por sua vez, associadas, formariam a Confederação (Comunal ou Geral). Os delegados confederal, representantes eleitos em assembléias, não possuíam cargo efetivo de poder. Não eram remunerados por esta função. Poderiam ser destituídos, no momento em que as assembléias, assim, decidissem. Isto, para impedir o aparecimento da figura de "chefe".

### CONCLUSÃO

Esse texto representa o conjunto de aspirações de uma classe, sofrida a mutilada ao longo da História, num determinado período e, num determinado local. É, ainda, um emaranhado de conceitos, querendo ou mesmo tentando, expressar uma realidade que, historicamente, marcou um comportamento: Da maioria dos trabalhadores brasileiros, em 1906 e, conseqüentemente, a criação da Confederação Operária Brasileira.

Especificamente, o conteúdo da moção, reflete a idéia de se tentar organizar um movimento operário, dentro de uma perspectiva anárquica — O que efetivamente foi feito. Lá está, e com um mínimo de senso crítico, pôde-se ver, claramente no texto, o repúdio da maioria dos trabalhadores, à autoridade, hierarquia, burocracia e desigualdades sociais e econômicas. O repúdio ao poder.

A própria proposta de organização, em federações e Confederações, exclui, por si só, as idéias autoritárias de organização em partidos, sindicatos únicos e, em última instância, o Estado. E, o momento histórico, como vimos, não falhou, quando chamado, para dar o seu aval.

Poder-se-ia até jogar este trabalho na primeira lata de lixo que estivesse à frente se, se colocassem em dúvida a veracidade e evidência da moção. Aliás, coisa que nenhum historiador ainda arriscou-se a fazer. Mas, mes-

mo que o fizessem, a vigência do anarquismo, na época, por certo, não sendo tragada. Teve História. E mais, fez glórias.

Por outro lado, a estrutura de um momento histórico determinado, não engana, jamais. Não foi, somente, em um ano — 1906 — que este comportamento se fez presente. Muito pelo contrário, em pelo menos duas gerações — fins do século XIX, há pelo menos, um terço de nossa época. E, no fundo, a moção reflete parte deste momento.

### NOTAS

<sup>1</sup> in. Alvorada Operária, Rodrigues, Edgar. p.113/114.

<sup>2</sup> in. Socialismo e Sindicalismo no Brasil, Rodrigues, Edgar. p.116/117.

<sup>3</sup> in. Alvorada Operária, Rodrigues, Edgar. p.116/117.

<sup>4</sup> in. Alvorada Operária, Rodrigues, Edgar. p.116/117.

<sup>5</sup> in. Socialismo e Sindicalismo no Brasil, Rodrigues, Edgar. p.116.

<sup>6</sup> in. Liberdade e Sindicato no Brasil, Werneck Vianna, Luiz, 2ª Ed. Paz e Terra.

<sup>7</sup> in. A História das Idéias Socialistas no Brasil, Vamireh Chacon, Ed. Civilização Brasileira e UFC.

<sup>8</sup> in. Socialismo e Sindicalismo no Brasil, Rodrigues, Edgar. p.139.

### BIBLIOGRAFIA

- 1 — Revista Barbárie nº 4 in, "Anarquismo no Brasil"
- 2 — Trabalho e Conflito, Edgar Rodrigues, Ed. Mundo Livre
- 3 — Movimento Operário no Brasil (1977/1944), Edgar Carone
- 4 — Brasil Século XX, Rui Facó, Ed. Vitória Ltda.
- 5 — Alvorada Operária, Edgar Rodrigues, Ed. Mundo Livre
- 6 — Socialismo e Sindicalismo no Brasil, Edgar Rodrigues, Ed. Laemmert
- 7 — O problema do Sindicato único no Brasil, Evaristo de Moraes, Ed. Alfa-Omega

8 - História Sincera da República, V.II, Leoncio Basbäum

9 - Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890/1920), Sheldon Leslie Maram, Ed. Paz e Terra.

10 - Liberalismo e Sindicato no Brasil, Luiz Werneck Vianna, 2ª Ed., Ed. Paz e Terra.

11 - Os Sindicatos Brasileiros Organização e Função Política, Hans Fuchtner, Ed. Biblioteca de Ciências Sociais.

fim



PS

21. amor dialético (socialismo lírico)  
neste natal quero amarx

44.  
ficamos por aqui. que não dá pé.  
mais um pra me sacanear?

na altura da praça milton campos.  
meu baixo astral  
danou-se.  
(que merda de só da direito às pombas!  
eu bem queria dar  
ao menos uma  
sentadinha na cabeça dessa estátua!).

52.  
a gente pode ser feliz. se pode!  
do meu escroto eu faço uns balõesinhos  
pras crianças.

wir caetano  
um dos editores da revista REBU.

"CONTUNDÊNCIAS REDUNDANTES -  
Gorobas Existenciais" (aventuras políRi-  
cas contra o super-herói que há em nós e  
o super-poeta que há em mim).

Entre o céu e o mar  
Existe um pássaro de grandes asas brancas  
Que ficam prateadas pelo sol  
Donas de suave vôos razantes  
Num espetáculo de pericia e eficiência.  
Cores e liberdade  
Elas plainam... plainam  
No coração a esperança de liberdade  
Na alma a certeza de um grande amor  
Pela vida e pela arte de voar  
As gaviotas com seus vôos procuram  
Mostrar a sua liberdade !  
Liberdade de voar !  
Liberdade de corpo liberdade de espírito !



GAIVOTAS II  
(fragmento)

Antonio Fagundes

PS

y

# FRAGMENTOS da IDÉIA de CORPO entre OS NAGÔ.

Paulo Pedro

Em todas as culturas humanas, podemos encontrar uma concepção ou conjunto de crenças e afirmações que definem e caracterizam o ser como humano, uma espécie de corpo e um grupo de semelhantes. Existem dezenas de textos e pesquisas sobre os mais diversos aspectos desse fenômeno. Nesse artigo resumi algumas dessas idéias tomando-as como ponto de vista, e, apresento informações recolhidas sobre a cultura Keto (yorubá) em livros e entre alguns representantes dessa cultura, pessoas a quem respeito e sou grato.

Um antropólogo francês Marcel Mauss nos faz uma proposta de análise e comparação da "Arte de utilizar o corpo humano". Eis o que nos escreve... "O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. O mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem é o seu corpo"...p.211..." entendo por técnica corporal as maneiras como os homens, sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos"...p.2111. Ora, sabemos que cada sociedade possui hábitos que lhe são próprios e existem inúmeros exemplos do modo como organizam esses hábitos, desde os hábitos sexuais, as artes marciais, os diversos tipos de marcha (correr, andar, de natação, de meditação até as técnicas de cuidados corporais, tossir, cuspir, ensaboar-se, limpar-se etc).

Marcel Mauss nos propõe um esquema para classificação desses procedimentos a partir de um triplice ponto de vista (interdisciplinar) nos afirma que essas relações entre o biológico e o social se efetuam através de um elemento intermediário Psicológico. Um outro autor Massimo Piattelli-Palmarini, diretor do centro Royamont de estudos Bioantropológicos num artigo onde analisa as transformações da puberdade como um fenômeno de interferência entre natureza e cultura admite que formamos uma "identidade psico-sócio-cultural" cujas fonte e cujo papel ainda ficaram determinados e que parece atuar sobre o desenvolvimento fisiológico como bloqueio ou como catalizador.



Adotando esse termo "identidade Psico-sócio-cultural" na sua relação com a fisiologia do corpo, são similares e interessantes as observações feitas por Laurence K. Frank em um artigo intitulado *Contrôle cultural e autonomia fisiológica*, onde o autor nos fornece alguns exemplos do processo em que a cultura atua no biotopo humano para estabelecer sua própria estrutura orgânica de funcionamento e comportamento. Se refere ao momento em que a cultura, enquanto um processo de educação determina os ajustamentos orgânicos criando o que denomina acontecimentos Fisiológicos-Culturais, tais como:

1. A transformação da fome em "apetite por determinados alimentos em dados momentos, criando desse modo os ciclos alimentares.

2. O treinamento higiênico — Quando a criança aprende a identificar e controlar sinais em seu corpo (índices fisiológicos) próprio, e a reagir de um modo característico e determinado convencionalmente de tais indícios.

3. O controle das emoções — Quando começa a controlar a capacidade orgânica de reação aquilo que chamamos estímulosemocionais que evocam os MMdistúrbios" fisiológicos da Raiva, Mêdo, Alegria, etc. De acordo com o autor a criança aprende a identificar situações permissíveis para as respostas emocionais.

Para resumir podemos dizer que a cultura condiciona a reação Fisiológica primitiva (inata) criando respostas obrigatórias para situações específicas. Processo este que Psicólogos e Etólogos vem denominando, estímulos eliciadores ou desencadeadores sociais e Padrões estereotipados, ou não, de coordenação motora ( seqüências espaço-temporais), na busca de invariáveis universais do comportamento humano.

Pois é, esses são alguns dos muitos pontos de vista, com que psicólogos sociólogos e antropólogos constataam, perguntam O que é o corpo ( ? ) Como, os diversos povos o sentem ( ? ). Nesse trabalho tentaremos fornecer elementos para uma análise de como essa identidade se apresenta conceitualmente nas manifestações de um povo africano, Keto, de língua yorubá. Escolhi essa nação por existir considerável bibliografia sobre os grupos que falam essa língua e porque muitos dos descendentes dessas nações se conservarem bastante fiel às tradições das comunidades (egbau) onde se conversou a língua e religião africana.

Encontramos referências verbais sobre a estrutura e funcionamento do corpo humano em muitos mitos e histórias contadas por integrantes das religiões africanas eis como Roger Bastide, em seu livro Candomblé da Bahia rito Nagô, se refere a essa questão:

... "Os orixás estão ligados a várias partes do corpo humano. Existe uma anatomia mística, também, do mesmo modo que existe uma geografia mística do espaço essa anatomia à lei das correspondências, o microcosmo reflete o macrocosmo. Exu guarda as entradas e vigia as aberturas, é colocado no limiar da porta; comandará pois todas as doenças das vias bucais e das outras aberturas



do corpo. Eis porque se ligará a carrapateira, cujos grãos servem para fabricar rosários destinados a fazer desaparecer os papos, ou seja infusão é empregada contra inflamações dos gânglios do pescoço. Ou ainda ao caruru, fôlha que é considerada desobstruente laxativo. Xangô é a divindade do fogo pune os que lhes querem mau, enviando a febre, e aservas que lhe serão atribuídas serão fôlhas febrífugas, fôlhas do fogo (betis cheirosa). Oxalá considerado como abobada celeste que cobre o mundo, e também como divindade suprema corresponde à cabeça do homem... Omolu corresponde à pele... Yemanjá e Oxum divindades unidas comandam o ventre e a última principalmente o baixo ventre"... Roger Bastide, oc.p.194-5.

O conceito "Orixá" é demasiado complexo para que possamos entendê-lo fora do contexto, ritual, social e sagrado onde é utilizado. Contudo podemos dizer que é um signo (um símbolo) que representa a divindade, o Poder, as côres, as forças da natureza e suas relações; Uma categoria com que se classificam: alimentos, plantas, movimentos do corpo, compromentamentos específicos, danças, rituais, posturas.

Eis o que Juana Elbein dos Santos, antropóloga e membro integrante da comunidade do Aché do Opô Afonjá, nos diz em seu livro, Os nagô e a morte. ... "Orixás são massas de movimentos lentos, serenos, de idade imemorial. Estão dotados de um grande equilíbrio necessário para manter a relação econômica entre o que nasce e o que morre,

entre o que é dado e o que deve ser devolvido. Por isso mesmo estão associados à justiça e ao equilíbrio. São as entidades mais afastadas dos seres humanos e as mais perigosas. Incorrer no desagrado ou na irritação de um Orisá fun-fun é fatal.

Uma das coisas que investiguei, com diversas pessoas ligadas a culto de Orisá foram essas "perturbações causadas por desobediência ao Orixá." Lídia Cabrera em seu livro "El Monte" nos fala de perturbações espirituais com repercussão corporal (Ochá kuó ribó) que podem ser resolvidas com a ciência dos cultos afros (chás, banhos de fôlha, oferendas, Rituais, etc). Na Bahia, tais fenômenos são popularmente conhecidos como, "castigo de Orixá"; convém a ressalva de uma Yolorixá do Opô Afonjá..." O castigo do Orixá pe o seu afastamento. O Orixá é a proteção da pessoa"...

Através da análise dessas "perturbações" pude com auxílio de alguns membros do Opô-Afonjá esboçar uma relação entre os Orixás e o corpo. Temos que:

Oxalá: Ar - Paz

... "no castigo de Oxalá a pessoa fica imóvel, paradião"...

Xangô ( Fogo - o calôr do corpo

Yansá: A Tempestade - atividade

... "no seu castigo a pessoa sai pra rua agitada, confusa, excitada"...



Omolu: Terra — O cadáver, a pele, o equilíbrio (postura) doença/saúde

... "no seu castigo a pessoa fica toda torta, ou pode ter um problema na pele"...

Oxosse: Terra, Floresta — Caça, direção, orientação, memória especial.

... "Oxosse faz ficar maluco...ir correndo pro mato sem destino"...

Ogun: o Ferro — As armas, as ferramentas, a força empregada em uma atividade. ..."no castigo de Ogun as pessoas entram em confusão, brigas".

Exu (não é propriamente um Orixá) )  
Sexo, Agressão.(Força, Ação)

... "Ele, bate com raiva em qualquer árvore e a faz cair"...

... "Bate nos portadores de oferenda que não fazem boas oferendas"...

... "Amarra uma pedra na carga de quem tem um fardo leve"...

Orikis, transcritos por Pierre Verger. Muito ainda poderia ser dito sobre essa entidade e seus múltiplos aspectos, R. Bastide comenta que o fato de algumas representações de Exu possuírem um membro ereto e chifres causou sua identificação brasileira com o diabo, e daí talvez vem a utilização de seu nome na explicação de crimes. Essa discussão é demasiado extensa para esse texto abordaria inúmeros mitos sobre os seus 21 aspectos sendo que alguns só são conhecidos por iniciados; no momento basta registrar que possui uma relação com a sexualidade e a agressão mas que não se resume a isto. Por exemplo: Eleguá Alayki — Eleguá que come muito, guloso; Exu Laguona — El Elegua que está em todas as partes donde queira; Elegbara — Agitado que não pára. (Lídia Cabrera (El Monte).

Oxum: Água — Beleza, Amôr, Gravidez

... "uma filha de Oxum que a barriga cresce pensa que vai ter filho e não vem ... e não é nada"... (gravidez psicossomática? )

Yemanjá: Agua — amamentação, comportamento maternal.

... "o abandono do recém nascido"(?) (psicose pós parto? )

Em um trabalho recente, Monique Au-gras e Ângela Correia, realizaram uma pes-

quisa onde consideram as descrições míticas do temperamento dos Orixás como uma espécie de tipologia, nesse trabalho intitulado "O objeto do desejo. A identificação do dono da cabeça no candomblé" elas correlacionaram, a descrição dos "tipos" encontrados no panteão de um terreiro de nação Keto no Rio de Janeiro com, a personalidade dos mediuns avaliada através do teste de Rorschach. Muitas pesquisas, ainda podem ser feitas nesse campo. As correlações entre a psicometricidade, a personalidade (e o Orixá) de cada pessoa é ainda um aspecto pouco explorado dentro da psicologia, assim como a suposição ou a evidência de que muitas casas de candomblé possuem métodos de controlar Ritmos cerebrais através de músicas e técnicas que só são reveladas aos iniciados nessa religião.

Numa outra abordagem podemos re-perguntar até que ponto o estudo da relação Eu-Orixá-Exu nessa religião contribui para a compreensão do Ego e suas imagens na saúde e na psicose; Estudo dos mitos que sobreviveram nessas "tribos de agenda de telefone" da selva de pedra e as relações que esses mitos possuem com os delírios Místico-psicóticos recolhidos nos Hospitais e Prisões (são tantos os quadros que envolvem enfeitiçamentos, possessão, perseguição-encostos, etc). Acredito que essas pesquisas devem ser feitas não só pelo conhecimento do princípio de conservação da matéria mítica, mas também pela aproximação que trará com o saber da cultura africana presença viva em nossa cidade.

Voltando ao assunto da utilização do corpo, são por demais conhecidas as contribuições dessa cultura a nossa Dieta, quem ainda não provou Lêlê, Mungunzá, Aluá, Dendê, Moqueca, ABará etc, não sabe o que está perdendo. Quanto as técnicas corporais, precisamos não só descrevê-las (em termos de Biomecânica, por exemplo) como também avaliar o seu efeito sobre a nossa gestualidade; as artes marciais (especialmente a capoeira de Angola) e os ritmos e danças "profanos" (Samba de roda, Afoché) dispensam comentários quanto a sua presença na cultura baiana. Curioso é que numa população onde a maioria e descendente de africanos a religião predominante seja o catolicismo (peoo menos oficialmente) e que a regulação

do calendário dos candomblés fosse feito na polícia, o que sem dúvida não era somente por causa das distorções, ilusões e charlatanismo que existe em torno desse jeito de viver.

#### Bibliografia utilizada e sugestões.

\*Piattelli-Palmarini, Massimo e Morin, Edgar  
A unidade do homem (Para uma antropologia fundamental) vol. III Centro Royaumont/Ed Cultrix, SP. 1978

\*Mauss, Marcel  
Antropologia e Sociologia, Vol. II Ed.

\*Klauckhohn, Clyde e Murray, Henry A. (org.)  
Personalidade (Na natureza, na sociedade, na cultura) Ed. Itatiaias, MG. 1965

\*Santos, Deoscoredes Maximiliano dos,  
Contos negros na Bahia Ed. Vozes RJ, 1974  
Axé do Opô Afonjá  
Ed. Inst. estudos Afro-asiáticos, RJ. 1962  
Uma festa de Xangô no Opô Afonjá Ed.

\*Elbein, Juana dos Santos  
Os nagô e a morte Ed. Vozes RJ, 1976

\*Cabrera, Lída  
El Monte (Igbo Finda, Ewe Orisha) Ed.

\*Bastide, Roger  
Candomblé da Bahia (Rito Nagô) Ed.

\*Verger, P.  
Dieux d'Afrique Ed. Paul Hartmann, Paris, 1954

\*Augras, Monique e Correa, Ângela Maria  
O objeto do desejo. A identificação do dono da cabeça no candomblé Rev. Arquivos Brasileiros de Psicologia, vol. 31 nº 1, Fundação Getúlio Vargas, jan-mar. 1979

\*Rêgo, Valdeolir  
Capoeira de Angola Ed.

\*Lody, Raul Giovanni  
Afoché (cadernos de folclore) Ed. Campanha de defesa do folclore brasileiro, RJ. 1976

\*Binon, Gisele  
La musique dans le candomblé Ed.

\*Siqueira, Baptista  
Origem do termo Samba Ed. Ibrasa, SP. 1978

\*Osório, César  
Misticismo e Loucura (contribuição ao estudo das loucuras religiosas no Brasil) Ed, ... SP. 1939.



# visão da noite

Antônio Short

A noite me cobria de alucinações, quase todas visuais e evocativas entre o cadáver de Deus o do céu colocava o olho do cú para ver as estrelas que queriam derramar merda sobre o céu da boca desta bendita cidade que permanecia com o seu porte de província vindo um Exu de encruzilhada trepar com Florípes no Aubergue noturno da J.J. Seabra, enquanto que a bicha moradora da Avenida Sete propunha a dar uma nota de Cr\$100,00 para o táxi boy chupar o seu decente e bem criado... Tudo parecia certo admiravelmente certo, quando eu acendia o baseado da minha tristeza saltando baforadas de agonia, vendo os turistas sentarem-se solenemente no pau de Gregório de Matos, que gritava em altos brados: de dois Fs. é feita esta cidade ao meu ver, um de furtar e outro de fuder.

Viagem com grafite e pingo de ouro pelos corredores da Vitória e adjacências levava a garotada da próspera classe média a trocar o hino de Senhor do Bonfim pelo solo das motocicletas Hiamaha que rasgava o feto da noite. Na Barra dois jovens tentavam o suicídio por que não recebeu no dia desejado uma confirmação das bichas que garantiram levá-los à Galeria Alaska, no Rio de Janeiro, para dar um beijo em MICK JAGGER, quando daquele dia em diante, fariam parte do GAY POWER SOCIETE BRASILEIRO, embora tudo processasse da maneira sobmeneira, porque Cuíca de Santo Amaro, com a bênção de Antônio Conselheiro saía da Igreja de São Raimundo dos Pretos e passeava pelos brilhantes encrustados no Terreiro de Jesus, anunciando o seu mais recente livro: "Olha aquí senhores, a história da bicha que completou 50 anos de profissão bem vividos, passando várias gerações por seu chicote." Mas Cuíca estava tão lindo que foi dormir nos braços meigos de Gregório de Matos e Jacaré. Do outro lado da cidade, Vovó Bolinha permanecia intacta e perfumada dentro da Ribeira decadente, dançando valsa nas águas plácidas da Penha, enquanto a noite erguia um monumento à mediocridade da classe média com o acontecimento de Júlio David. Na beira do Cais, Rudvisk chorava de saudade por não ter msis seu poeta caso para passear consigo pela estrada de Santiago. Pelas bandas do antigo mercado, encontro Quincas Berro D'Água chorando nos pés dos culhões que Mário Cravo ergueu. A noite continuava quente quando na porta do Grêmio Brasileiro de Trovadores, encontrei Neruda com suas mãos de Andes, a me abraçar com aquele mesmo abraço que me foi dado no mesmo lugar. Agora a melhor coisa a fazer é reservar uma vaga no Campo Santo para dormir porque o dia vem nascendo em cima dos caralhos da madrugada. ■

BATTLE STAR "GERIATRICA"  
BOHUNK REAGAN in

ALLAN  
CARRA'S

NEW  
FILM

CANT  
STOP  
THE  
MISSILES



# ARTE POSTAL MAIL- ART

## A ARTE POSTAL E O GRANDE MONSTRO

Chegou o momento de declarar que a Arte Postal tem pouco a ver com postal e muito a ver com arte. Na expressão "Arte Postal" a palavra "Postal" pode ser substituída por multiplicidade, expedição, distribuição, ou por muitas outras palavras. Por outro lado, em "Arte Postal" a palavra "Arte" está aí para arte, e para mais nada absolutamente.

A Arte Postal usa o correio como suporte no sentido que as artes não-postais utilizam tela, papel, ferro, madeira como suporte. Muitos indivíduos que usam esses suportes nunca pensaram em "arte tela", "arte madeira", "arte papel". Palavras, pedaços de papel, envelopes e cores são mídia. Quando um artista utiliza um ou vários desses mídias e escolhe o sistema postal como seu suporte, então a Arte Postal passa a existir.

Considerando que a Arte Postal utiliza como suporte o Sistema Postal — um complexo sistema internacional de transporte, incluindo milhares de pessoas, edifícios, maquinaria, leis mundiais e Deus sabe o quê. A prova de que o correio não é o meio é que para utilizá-lo, um artista não precisa entender como ele funciona. Mesmo na possibilidade utópica de que o artista alcance a compreensão total do sistema, ele não pode controlá-lo. O que ele controla é a "obra", o postal que ele deve enviar. *Esta é a criação.*

Muitos artistas e o público parecem ter se perdido no jogo. Eles concluíram que fazer Arte Postal significa produzir cartões postais. Esses artistas usam a Arte Postal como eles usariam tinta, desde que eles creem que o correio é um meio que permite produzir obras de arte em formato cartão postal. Apenas poucas pessoas compreendem que na Arte Postal os termos da equação foram invertidos: o que navida cotidiana funciona como sistema de comunicação, como forma de transportar mensagens, como meio, tornou-se nas mãos de certos artistas o suporte de diferentes mídia em razão de produzir obras de Arte Postal.

Quando envio pelo correio uma carta que é apenas uma carta, estou utilizando o correio como um sistema que permite a transmissão da minha mensagem. Esse sistema inclui dois sub-sistemas: de um lado o sub-sistema da linguagem escrita ou visual, e do outro lado o sub-sistema do Serviço Postal.

A relação entre os dois sub-sistemas é permanente mas não rígida. O acento pode cair sobre um ou outro de acordo com a motivação ou o objetivo. Quando você recebe uma carta da pessoa que você ama, você não se interessa tanto pelo que está escrito nela. Você se interessa principalmente em receber alguma coisa dele ou dela. Seu amor poderia ter enviado flores em vez de palavras — você teria compreendido muito bem. Ele/ela pode usar palavras ou flores contanto que envie algo para você. Nesse caso o acento cai sobre o sub-sistema "Postal". Algo muito diferente ocorre quando você recebe uma carta do banco ou da polícia. Ah, quem não se preocupa com o conteúdo do envelope? Então não importa se a mensagem foi entregue pelo carteiro ou por anjo caeleste. O sub-sistema mais importante nesse caso é a linguagem escrita não o correio.

Quando digo que na Arte Postal o correio não é o meio mas sim o suporte, não quero dizer que o correio não é importante. Ele é extremamente importante. Mas é necessário primeiro reconhecer e definir o seu papel no processo implicado por uma obra de Arte-Postal. Vamos imaginar uma obra de Arte Postal que utilize um substituto para o Sistema Postal. Por exemplo, podemos entregar cartas a amigos que vão partir em diferentes direções. Podemos dar a esses amigos instruções precisas sobre quando, como e a quem nossas mensagens devem ser entregues. Tudo isso é perfeitamente possível, não é? Normalmente usamos o Serviço Postal porque ele é a rede de serviços mais conveniente e largamente utilizada. Se utilizássemos o Serviço Postal para nossa obra imaginária, o seu significado não mudaria essencialmente.

Por outro lado, não podemos imaginar uma obra de Arte Postal que não use palavras, desenhos, papel ou plástico. Estes são portanto os mídia, os elementos significativos com os quais construímos nossa mensagem em Arte Postal.

A questão surge agora: e se um artista conceber uma obra na qual o envio, o ato de utilizar o Serviço Postal, selos, um ou vários caixas do correio, ou qualquer outro elemento do Sistema Postal desempenhe um papel importante? Nesse caso todos nós concordaríamos em considerar o Sistema Postal como meio, ou pelo menos elemento do meio. Além disso, pode ser que somente incorporado o Sistema Postal como uma parte essencial da obra é que nós sejamos capazes de produzir uma verdadeira obra de Arte Postal. Realmente, os melhores trabalhos de Arte Postal são aqueles que utilizam o correio como elemento funcional e integral da obra. Para chegar a compreender isto, foi necessário primeiro provar o quanto o correio, como tal, pode ser marginal para a Arte Postal. Somente então podemos apreciar o papel que ele deve desempenhar e que desempenha como elemento da Arte Postal. O que significa dizer, da Arte.

A questão que é levantada agora é: como o adjetivo Postal afeta o termo Arte na realidade? Toda uma série de lugares comuns foram dados como resposta para esta questão. Tem-se dito que a Arte Postal é fácil, barata, desprezível e democrática. Tudo isso é besteira.

É fácil para um artista enviar um cartão postal? Sim. Mas, como nós já vimos, um artista não se torna um artista postal pelo fato de enviar um cartão, por mais "belo" que possa ser. É barato produzir e enviar um cartão postal? Não, certamente não. Você raramente produz um cartão, você produz uma edição de uma centena ou milhares de cópias. Na realidade, muitos artistas são forçados a produzir um cartão postal por que não possuem condições financeiras de produzir mil cópias. A Arte Postal é desprezível? Isto é difícil responder. Depende do artista. Eu não diria que os artistas postais são desprezíveis. Eu, por exemplo, sou muito pretencioso. E há aqueles que dizem "Eu sou um artista postal" quase como quem diz "Os outros artistas não são totalmente artistas". A

Arte Postal é democrática? Duvido muito. Para um artista que pretende ser difundido, 200 correspondentes é muito, muito pouco. E esses 200 nomes são escolhidos com grande cuidado. Algumas respostas são sem dúvida mais valorizadas que outras. Os artistas não respondem qualquer carta de um remetente não específico. Algumas vezes por causa da economia de tempo. Mais freqüentemente porque eles julgam que a carta não vale a pena ser respondida. Mas quer a Arte Postal seja ou não fácil, desprezível e democrática, isso não é essencial. Uma questão mais importante é: você pode fazer uma boa arte com a Arte Postal? Uma questão ainda mais básica: o que é e o que não é Arte Postal?

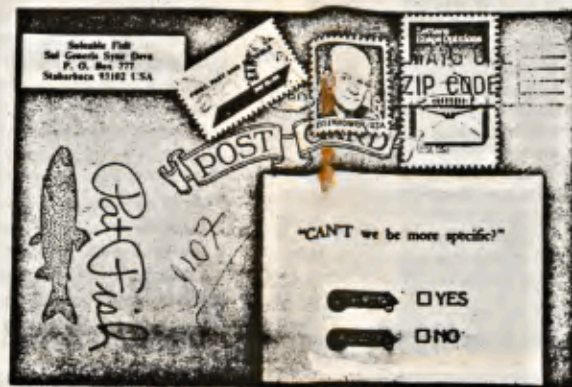
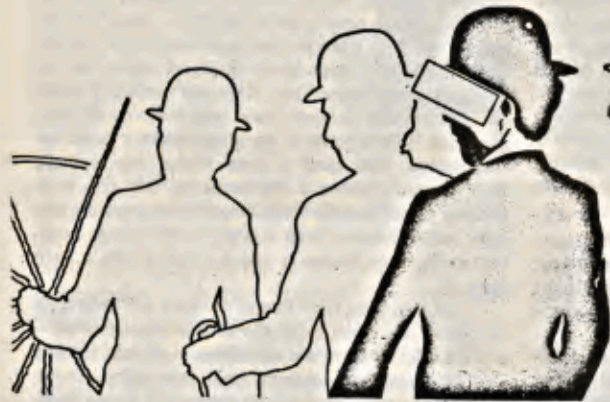
Uma obra de Arte Postal consiste em uma série de ações, das quais duas são as mais importantes — a produção da obra e o seu envio. — Existe todavia uma diferença radical entre essas duas ações. Nominalmente, nosso controle da primeira é quase absoluto, mas quase não temos controle da segunda, o verdadeiro envio. Quando produzimos a obra para ser enviada somos livres para escolher os materiais e como utilizá-los. Podemos escolher as dimensões. Podemos decidir sobre o exterior e o interior. Em outras palavras, quando eu escrevo uma carta, eu sou livre para escrever o que eu quiser. E quanto ao envio? Nesse caso nós não somos livres, somos submetidos a certas regras estabelecidas de antemão. Não apenas isto, também temos que pagar um preço que é calculado com precisão sobre tamanho e peso. Não há forma de pechinchar ou ser sabido. Ou você paga, ou esquece sua linda Arte Postal.

C(ART)A N:5

EL MAIL ART  
UNA EXTRAÑA  
ECUACION  
CUYOS  
ELEMENTOS  
SON:  
ACCION=ESPERA

DAMASO OGAZ

BarBariE



Vista deste ponto de vista, a Arte Postal não é mais algo fácil, barato, desprezencioso e não importante. A Arte Postal bate na porta do castelo onde mora o Grande Monstro. Você pode dizer ao monstro qualquer coisa que você queira, de acordo com suas experiências e crenças. Mas o fato é que o Grande Monstro existe e nos pressiona. Todo convite que recebemos para participar num projeto de Arte Postal é parte de uma guerrilha contra o Grande Monstro. Toda obra de Arte Postal é uma arma disparada contra o Monstro que é o dono do castelo que nos separa uns dos outros, todos nós. O que é ou quem é o Monstro que estou falando? Eu estou querendo dizer o administrador dos Correios e Telegráfos? Os caixas do Correio? O Monstro das Comunicações? Ou me refiro a tecnologia que eles usam e controlam? Ou a esses pequenos e coloridos pedaços de papel gomado que a gente deve comprar toda vez que quer enviar alguma coisa? Para dizer a verdade, eu não sei a quem estou me referindo. Tudo que sei é que há um Monstro. E que enviando todo tipo de itens postais eu estou batendo em sua porta.

Quando se faz pintura pode se falar de sensibilidade, beleza, visão, artesanato, etc. Mas quando você está batendo na porta do Monstro o que é que conta? A resposta é simples: o que conta é com quanta força você está batendo. Como podemos medir a intensidade da nossa batida? Pelo eco que

nós produzimos, obviamente. Eu sei que os eternos céticos não vão gostar disso. Primerio eles achavam que a Arte Postal era muito pequena, muito insignificante. Agora eles dirão que não se pode julgar arte com aritmética. Eles não percebem que quando nós falamos de números, não estamos falando de aritmética. Estamos falando de harmonia. Quando alguém envia uma obra de Arte Postal e mais tarde recebe uma resposta — isto é harmonia: concordância, acôrdo. Poderíamos julgar a beleza da resposta, é claro. Mas desde que a obra é considerada, a única coisa que realmente conta é receber respostas.

E acerca daqueles trabalhos de Arte Postal que exigem permanecer não respondidos para poderem existir? A resposta é a seguinte — nós ainda não sabemos como medir a réplica. Contamos na base de um, dois, três, em diante, porque ainda não conhecemos outros métodos. Esta é apenas uma forma provisória, temporária de medida. De qualquer modo, esse método im perfeito nos dá uma ideia. Precisamos de mais idéias para a Arte Postal. Somos receptivos a mais idéias. Por que não nos dá algumas? Apenas, por favor, não as diga: mande-as pelo correio.

*Ulisses Carrión  
Amsterdan, Holanda.  
1978  
Tradução Marcus do Rio*

#### ARTE POSTAL/MAIL-ART

1 — isolados numa sociedade cada vez mais tecnológica, aonde o contato humano é substituído gradativamente por uma relação homem/máquina, a arte postal viria criar um campo de comunicação, estreitando os laços das relações humanas e estabelecendo também um compromisso ideológico, já que ela é processada por um círculo de pessoas. Ao produzi-la, o autor se serve dos signos existentes na sociedade, redimensionando-os de modo a possibilitar novas leituras críticas dessa sociedade.

2 — a arte postal pertence à classe dos sistemas que desfazem as fortes barreiras que têm separado os níveis da arte daqueles da vida. As motivações para esta nova expressão são múltiplas e não dependem de qualquer circunstância especial. Artistas, em número considerável, rompendo com o conceito tradicional de "obra", afastando-se dos esquemas de exposições oficiais e comerciais, desconfiados da função da crítica e no mínimo indiferentes às revistas de arte dominantes — ou seja, hostis a todo o *status quo* poderia parecer indispensável à carreira artística — passaram a organizar-se para enfrentar uma situação inteiramente diversa, criando suas próprias associações, seus próprios intercâmbios, suas próprias publicações, e selecionando os locais para as suas exposições.

3 — o poema experimental, postal, é uma técnica atuando na criação de linguagens. O espectador não está mais diante de uma obra acabada, a comunicação direta (visual transforma o consumidor em participante. O experimentalismo vai de encontro à cultura burguesa, do objeto único e redundante.

Gerson Filho

32

(catálogo da exposição *The Badge Show* — Itália — 1980) trad. Marcus do Rio

A arte torna-se cada vez menos um sistema de estimulação e cada vez mais um sistema de informação.

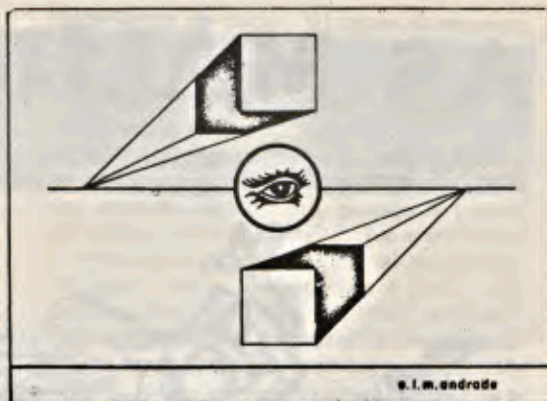
Brian Eno

O conteúdo da arte postal é semelhante ao conteúdo das outras belas artes.

Mike Crane

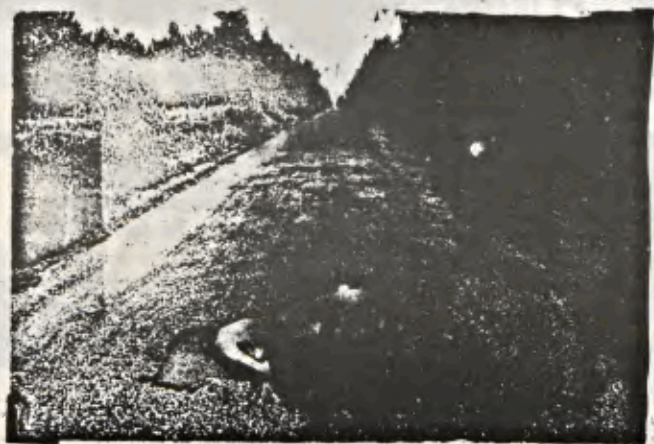
A despeito do esforço crítico de muitos estudiosos visando reduzir a energia revolucionária da arte postal aos caminhos estreitos de apenas outro "ismo" artístico, a anárquica vitalidade da rede está expandindo o alcance da sua linha de ação e reunindo novas forças excepcionais: fanáticos de gravações de anti-música, filatelistas utópicos, universidades ao ar-livre, sociólogos radicais, dançarinos acrobatas... Enquanto os críticos de arte procuram "obras inteligentes", trabalhos ricamente emoldurados, e todo tipo de produtos "artísticos", eles não conseguem compreender que a grande inovação original do fenômeno arte postal tem sido a adoção definitiva de uma *comunicação em duas vias* como um modelo cultural alternativo, lançando um olhar ao artista diferente do futuro; não mais um ego monstruoso produzindo fetiches dispendiosos para uma elite de parasitas, mas uma pessoa em contato vivo com seu público.

VITTORIO BARONI



e. l. m. andrade

LITERA GASTRICA



# AS MALHAS DO **FINAL** DO PODER

Michel Foucault



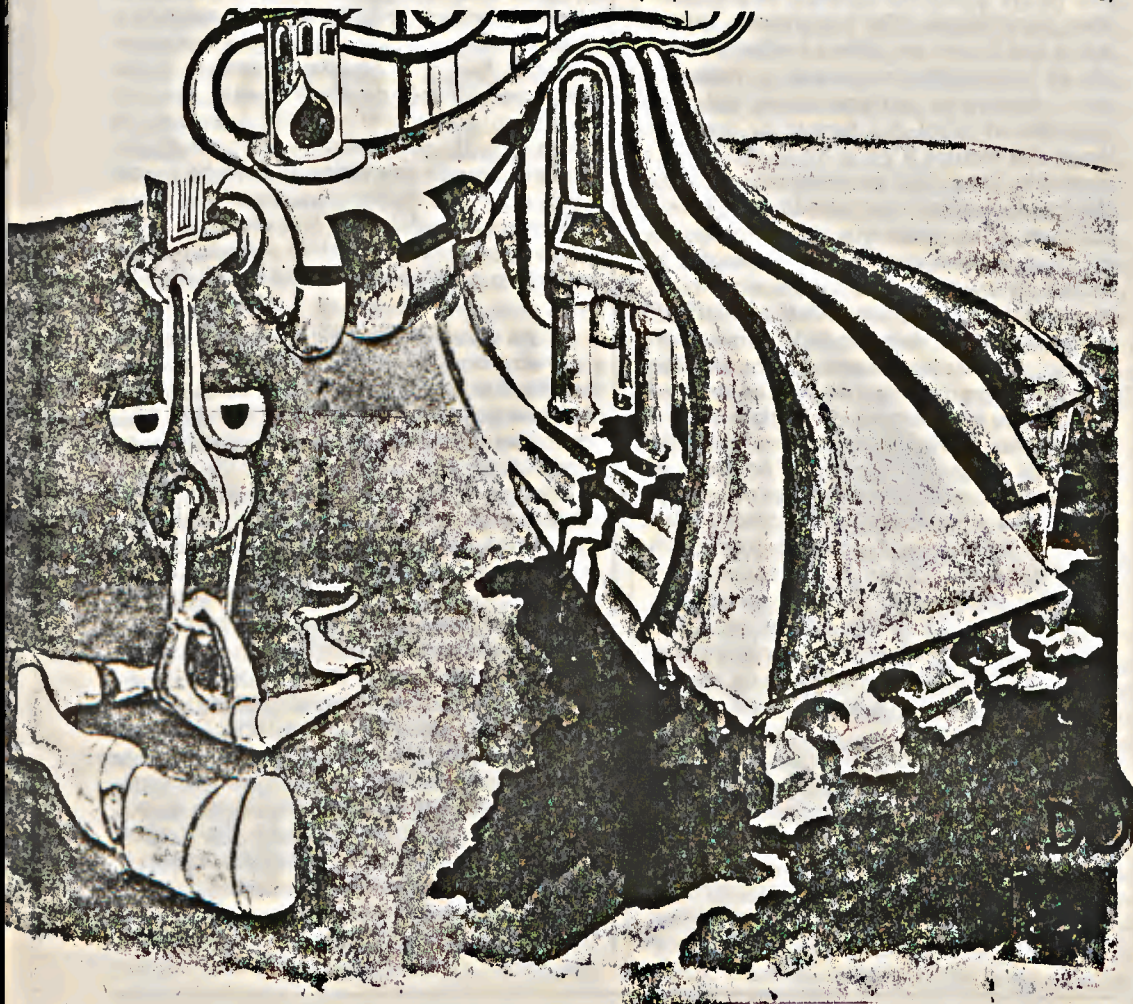
Assim, a partir desse princípio metodológico, como poderíamos fazer a história dos mecanismos de poder a propósito da sexualidade? Creio que, de maneira muito esquemática, poderíamos dizer o seguinte: o sistema de poder que a monarquia tinha conseguido organizar a partir do fim da Idade Média apresentava para o desenvolvimento do capitalismo dois inconvenientes maiores: 1º) O poder político tal como ele se exercia no corpo social era um poder muito descontínuo. As malhas da rede eram muito grandes,

um número quase infinito de coisas, de elementos, de condutas, de processos que escapavam ao controle do poder. Se tomarmos, por exemplo, um ponto preciso, — a importância do contrabando em toda Europa até o fim do século XVIII — perceberemos um fluxo econômico muito importante, quase tão importante quanto o outro, um fluxo que escapava inteiramente ao poder. E ele era, aliás, uma das condições de existência das pessoas se não tivesse havido pirataria marítima, o comércio não teria podido funcionar, e as

peças não teriam podido viver. Bem, em outras palavras, o ilegalismo era uma das condições de vida mas significava ao mesmo tempo que havia certas coisas que escapavam ou não ao poder e sobre as quais o poder não tinha controle. Portanto, inconvenientes processos econômicos, diversos mecanismos que de algum modo ficavam fora de controle, exigindo o estabelecimento de um poder contínuo, preciso, de algum modo atômico. Passar de um poder lacunar, global, a um poder contínuo atômico e individualizante que cada um, que cada indivíduo, nele mesmo, no seu corpo, nos seus gestos, pudesse ser controlado em lugar desses controles globais e de massa.

O segundo grande inconveniente dos

mecanismos de poder, tal como funcionava na monarquia, é que eles eram sistemas excessivamente onerosos. E eles eram onerosos justamente porque a função de poder, — aquilo em que consistia o poder — era essencialmente o poder de arrecadar, de ter o direito e a força de arrecadar qualquer coisa — um imposto, um dízimo, quando se tratava do clero — sobre as colheitas que eram feitas; a arrecadação obrigatória de tal ou tal porcentagem para o senhor, para o poder real, para o clero. O poder era então essencialmente arrecadador e predatório. Nesta medida ele operava sempre uma subtração econômica e, longe, conseqüentemente, de favorecer e estimular o fluxo econômico, ele era perpetuamente seu obstáculo e freio. Donde,



segunda preocupação, segunda necessidade, encontrar um mecanismo de poder tal que ao mesmo tempo que controlasse as coisas e as pessoas até nos menores detalhes, na sociedade não fosse oneroso nem essencialmente predatório, — que ele se exercesse no próprio sentido do processo econômico.

Bem, tendo esses dois objetivos creio que podemos compreender grosseiramente a grande mutação tecnológica do poder no ocidente. Temos o hábito — e aí mais uma vez conforme o espírito de um marxismo um tanto primário — de, dizer que a grande invenção, todo mundo sabe disso, foi a máquina a vapor, ou então, são invenções desse tipo. É verdade, isso foi muito importante mas houve toda uma séria de outras invenções tecnológicas, tão importantes quanto esta e que foram em última instância condição de funcionamento das outras. Assim foi com a tecnologia política; houve toda uma invenção ao nível das formas de poder ao longo dos séculos XVII e XVIII. Portanto é necessário fazer não somente a história das técnicas industriais mas também das técnicas políticas, e eu creio que podemos agrupar em dois grandes capítulos as invenções de tecnologia política, as quais devemos creditar sobretudo aos séculos XVII e XVIII. Eu as agruparia em dois capítulos porque me parece que elas se desenvolveram em duas direções diferentes: de um lado há esta tecnologia que eu chamaria de disciplina. Disciplina é, no fundo, o mecanismo de poder pelo qual chegamos a controlar no corpo social até os elementos mais tênues pelos quais chegamos a atingir os próprio átomos sociais, isto é, os indivíduos. Técnicos de individualização do poder. Como vigiar alguém, como controlar sua conduta, seu comportamento, suas aptidões, como intensificar seu rendimento, como multiplicar suas capacidades, como colocá-lo no ponto em que ele será mais útil, isto é o que é, a meu ver, a disciplina.

Eu lhes citei nesse instante o exemplo da disciplina no exército. É um exemplo importante porque ele foi verdadeiramente o ponto onde a grande descoberta da disciplina se faz e se desenvolveu quase em primeiro lugar. Portanto, ligada a esta outra invenção de ordem técnica industrial que foi a invenção do fuzil de tiro relativamente rápido. A

partir desse momento, no fundo, podemos dizer o seguinte: que o soldado deixava de ser intercambiável, deixava de ser pura e simples carne de canhão e um simples indivíduo capaz de golpear. Para ser um bom soldado era necessário saber atirar, portanto, era necessário ter passado por um processo de aprendizagem. Era necessário que o soldado soubesse igualmente se deslocar, que ele soubesse coordenar seus gestos com os dos outros soldados, em suma, o soldado tornava-se qualquer coisa de habilidoso. Portanto, precioso. E quanto mais ele era precioso mais era necessário conservá-lo, quanto mais necessário conservá-lo mais necessário se tornava ensinar-lhe técnicas capazes de lhe salvar a vida na batalha e quanto mais se lhe ensinava técnicas, quanto mais longa era a aprendizagem, mais ele era precioso, etc. E bruscamente você tem uma espécie de embalo dessas técnicas militares de adestramento que culminaram no famoso exército prussiano de Frederico II, que passava o essencial do seu tempo fazendo exercícios. O exército prussiano, o modelo de disciplina prussiana, É precisamente a perfeição, a intensidade máxima dessa disciplina corporal do soldado que foi até certo ponto o modelo das outras disciplinas.

Em outro ponto pelo qual vemos aparecer esta nova tecnologia disciplinar é a educação. Foi primeiro nos colégios e depois nas escolas primárias que vemos aparecer esses métodos disciplinares onde os indivíduos são individualizados dentro da multiplicidade. O colégio reúne dezenas, centenas e às vezes milhares de colegiais, de escolares, e se trata então de exercer sobre eles um poder que será justamente muito menos oneroso que o poder do preceptor, que não pode existir senão entre o aluno e o mestre. Aí temos um mestre para dezenas de discípulos é necessário entretanto, apesar dessa multiplicidade de alunos, que se obtenha uma individualização do poder, um controle permanente, uma vigilância em todos os instantes. Onde o aparecimento deste personagem que todos aqueles que estudarem em colégios conhecem bem, que é o vigilante<sup>1</sup>, que na pirâmide corresponde ao sub-oficial do exército; aparecimento igualmente da notaçao quantitativa, aparecimento dos exames, aparecimento dos concursos, etc, possibilidade, por

conseqüência, de classificar os indivíduos de tal maneira que cada um esteja exatamente no seu lugar, sob os olhos do mestre ou ainda na qualificação e no julgamento que fazemos sobre cada um deles.

Vejam por exemplo como vocês estão sentados em filas diante de mim. É uma posição que talvez lhes pareça natural mas é bom lembrar no entanto que ela é relativamente recente na história da civilização e que é possível ainda no começo do século XIX encontrar escolas onde os alunos se apresentam em grupos de pé em torno de um professor que lhes dá aula. E isso implica, evidentemente, que o professor não possa vigiá-los realmente e individualmente: há o grupo dos alunos e depois o professor. Atualmente vocês são colocados assim em filas, o olhar do professor pode individualizar cada um, pode chamá-los para saber se estão presentes, o que fazem, se devaneiam, se bocejam, etc. Há tudo isso, todas essas futilidades, em realidade são futilidades porém futilidades muito importantes porque finalmente, ao nível de toda uma série de exercícios de poder, é bem nessas pequenas técnicas que estes novos mecanismos puderam se investir, puderam funcionar. O que se passou no exército e nos colégios pode ser visto igualmente nas oficinas ao longo do século XIX. É o que eu chamarei de tecnologia individualizante do poder, e tecnologia que visa no fundo os indivíduos até nos seus corpos, no seu comportamento; a grosso modo uma espécie de anatomia política, de anatomo-política, uma política que visa os indivíduos até anatomizá-los.

Bem, eis aí uma família de tecnologias de poder que apareceu nos séculos XVII e XVIII e, depois temos uma outra família de tecnologias de poder que apareceu um pouco mais tarde, na segunda metade do século XVIII, e que foi desenvolvida — é preciso dizer que a primeira, para vergonha da França, foi sobretudo desenvolvida na França e na Alemanha — sobretudo na Inglaterra, tecnologias essas que não visam os indivíduos como indivíduos mas que visam ao contrário, a população. Em outras palavras, o século XVIII descobriu essa coisa capital: que o poder não se exerce simplesmente sobre sujeitos — o que era a tese fundamental de monarquia, segundo a qual há o soberano e depois os sujeitos. Descobre-se que aquilo sobre o que se exerce o poder é a população,

e população quer dizer o que? Não quer dizer simplesmente um grupo humano numeroso, quer dizer um grupo de seres vivos que são atravessados, comandados, regidos, por processos de leis biológicas. Uma população tem uma natalidade, uma mortalidade, uma população tem uma curva etária, uma pirâmide etária, tem uma morbidade, tem um estado de saúde, uma população pode perecer ou pode ao contrário se desenvolver.

Ora, tudo isso começa a ser descoberto no século XVIII. Percebe-se, por consequência, que a relação de poder com o sujeito, ou melhor, com o indivíduo não deve ser simplesmente essa forma de sujeição que permite ao poder arrecadar sobre o sujeito bens, riquezas e eventualmente seu corpo e seu sangue, mas que o poder deve se exercer sobre os indivíduos enquanto constituem uma espécie de entidade biológica que deve ser tomada em consideração se quisermos precisamente utilizar essa população como máquina de produzir tudo, de produzir riquezas, de produzir bens, de produzir outros indivíduos, etc. A descoberta da população é, ao mesmo tempo que a descoberta do indivíduo e do corpo adestrável, creio, o outro grande núcleo tecnológico em torno do qual os procedimentos políticos do ocidente se transformaram. Inventou-se nesse momento o que eu chamarei, por oposição à anatomo-política que eu mencionei a pouco, a bio-política. É



nesse momento que vemos aparecer coisas, problemas como o do habitat, o das condições de vida numa cidade, o da higiene pública, o da modificação da relação entre natalidade e mortalidade. Foi nesse momento que apareceu o problema de como podemos levar as pessoas a fazer mais filhos, ou em todo caso como poderemos regular o fluxo da população, como poderemos controlar igualmente a taxa de crescimento de uma população, as migrações, etc. E a partir daí toda uma série de técnicas de observação entre as quais a estatística, evidentemente, mas também todos os grandes organismos administrativos, econômicos e políticos, tudo isso é encarregado dessa regulação da população. Portanto, creio eu, duas grandes revoluções na

tecnologia do poder: descoberta da disciplina e descoberta da regulação, aperfeiçoamento de uma anatomo-política e aperfeiçoamento de uma bio-política.

A vida tornou-se agora, a partir do século XVIII, um objeto do poder, A vida e o corpo. Outrora, só existiam sujeitos, sujeitos jurídicos de quem podia-se retirar os bens, aliás também a vida igualmente. Agora existem corpos e populações. O poder tornou-se materialista. Deixa de ser essencialmente jurídico. Ele deve lidar com essas coisas reais que são o corpo, a vida. A vida entra no domínio do poder, mutação capital, uma das mais importantes sem dúvida, na história das sociedades humanas e, é evidente, que se pode ver como o sexo pôde se tornar a partir desse momento, isto é, justamente do século XVIII, uma peça absolutamente capital, porque no fundo o sexo está muito exatamente colocado no ponto de articulação entre as disciplinas individuais do corpo e as regulações de população. O sexo é aquilo a partir do qual pode se garantir a vigilância sobre os indivíduos e compreende-se porque no século XVIII e justamente nos colégios, a sexualidade dos adolescente tornou-se um problema médico, um problema moral, quase um problema político de primeira importância, porque através e sob o pretexto deste controle da sexualidade podia-se vigiar os colegiais, os adolescentes ao longo de suas vidas, a cada instante, mesmo durante o sono. Portanto, o sexo vai tornar-se um instrumento de disciplinarização, vai ser um dos elementos essenciais dessa anatomo-política de que falei, mas por outro lado é o sexo que assegura a reprodução das populações, é com o sexo, com uma política do sexo que podemos mudar a relação entre natalidade e mortalidade; em todo caso a política do sexo vai se integrar no interior de toda essa política de vida, que vai tornar-se tão importante no século XIX. O sexo é o eixo<sup>2</sup> entre a anatomo-política e a bio-política, ele está na encruzilhada das disciplinas e das regulações e é nessa função que ele se tornou no fim do século XIX uma peça política da primeira importância para fazer da sociedade uma máquina de produzir...

**FOUCAULT** — Vocês querem fazer alguma questão?

**OUVINTE** — Qual a produtividade que visa o poder nas prisões?



F. — Essa é uma longa história: o sistema da prisão, quero dizer, a prisão repressiva, a prisão como castigo, foi estabelecido tardiamente, praticamente no fim do século XVIII. Antes do fim do século XVIII, a prisão não era uma punição legal; se apricionava as pessoas simplesmente para retê-las antes de processá-las, e não para puni-las, salvo casos excepcionais. Bem, se criam as prisões, como sistema de repressão, afirmando-se o seguinte: a prisão vai ser um sistema de reeducação dos criminosos. Após uma estadia na prisão, graças a uma domesticação de tipo militar e escolar, vamos poder transformar o delinqüente em um indivíduo obediente às leis. Buscava-se portanto a produção de indivíduos obedientes com sua passagem na prisão.

Ora, de imediato desde os primeiros tempos dos sistemas das prisões percebeu-se que ele não conduzia absolutamente a este resultado, mas que dava, na verdade, exatamente o resultado oposto: tanto mais tempo tinha passado em prisão, menos ele era reeducado e mais ele era delinqüente. Não somente produtividade nula mas produtividade negativa. Por conseqüência o sistema das prisões deveria normalmente ter desaparecido. Ora, ele permaneceu e continua e quando perguntamos às pessoas o que poderíamos colocar no lugar das prisões ninguém responde.

Por que as prisões permaneceram, apesar desta contraprodutividade? Eu direi, mas é preciso dizer porque de fato ela produzia delinqüentes e a delinqüência tem uma certa utilidade econômico-política nas sociedades que conhecemos. A utilidade econômico-política da delinqüência podemos revelá-la facilmente: 1.º) quanto mais houver delinqüentes mais crimes haverá, quanto mais crime houver, mais haverá medo na população e quanto mais medo na população mais aceitável e mesmo desejável se tornará o sistema de controle policial. A existência desse pequeno

perigo interno permanente é uma das condições de aceitabilidade desse sistema de controle, o que explica por que nos jornais, no rádio, na tv, em todos os países do mundo sem nenhuma exceção, se conceda tanto espaço à criminalidade como se a cada novo dia se tratasse de uma novidade. Desde 1830 em todos os países do mundo se desenvolveram campanhas sobre o tema do crescimento da delinqüência, fato que nunca foi provado, mas esta suposta presença, esta ameaça, esse crescimento da delinqüência é um fator de aceitação dos controles.

Mas isso não é tudo, a delinqüência é útil economicamente; vejamos a quantidade de tráfico perfeitamente lucrativos e inscritos no lucro capitalista que passam pela delinqüência: a prostituição, todos sabem que o controle da prostituição em todos os países da Europa — não sei se isso se passa também no Brasil — é feito por pessoas que tem o nome profissional de proxeneta e que são todos ex-delinqüentes que tem por função canalizar para circuitos econômicos tais como a hotelaria de pessoas que tem conta em bancos, os lucros arrecadados sobre o prazer sexual. A prostituição permitiu tornar oneroso o prazer sexual das populações e o seu enquadramento permitiu derivar para determinados circuitos o lucro sobre o prazer sexual. O tráfico de armas, o tráfico de drogas, em suma toda uma série de tráficos que por uma outra razão não podem ser diretamente e legalmente realizados na sociedade possam pela delinqüência, que desse modo os assegura.

Se acrescentamos a isso o fato de que a delinqüência serve massivamente no século XIX e ainda no século XX ha toda uma série de alterações políticas tais como furar greves, se infiltrar nos sindicatos operários, servir de mão-de-obra e de guarda-costas para os chefes de partidos políticos mesmo os mais ou menos dignos. Aqui estou falando mais precisamente da França, onde todos os partidos políticos têm uma mão-de-obra que vai desde os coladores de cartazes até o porra-deiro (quebrador de cara) mão-de-obra esta constituída por delinqüentes. Assim temos toda uma série de instituições econômicas e políticas que funcionam na base da delinqüência e nesta medida a prisão que fabrica um delinqüente profissional, tem uma utilidade e uma produtividade.

OUVINTE — Em primeiro lugar quero

expressar o grande prazer de ouvi-lo, de vê-lo e de ler os seus livros. Todas as minhas questões se fundamentam na crítica que Dominique lhe faz: se você der mais um passo adiante deixará de ser um arqueólogo, o arqueólogo do saber, se você desse esse passo adiante, você cairia no materialismo histórico. Esse é o fundamento da questão. Em seguida quero saber por que você afirma que aqueles que defendem o materialismo histórico e a psicanálise não estão seguros de si mesmos, não estão seguros da cientificidade de suas posições... (nesse momento Foucault pede para responder a questão do fundamento argumentando que a resposta talvez eliminasse a necessidade de formular as perguntas, mas o ouvinte insiste.)

OUVINTE — A primeira coisa é que me surpreende depois de ler tanto a diferença entre *Refoulement* e *Repression*, diferença que não temos em português, que você começa falando de repressão sem diferenciar de *Refoulement*. Isso é uma surpresa para mim e segunda surpresa é que na tentativa de traçar uma anatomia do social baseando-se na disciplina no exército, você utiliza a mesma terminologia que utilizam os advogados atuais no Brasil. No congresso da OAB realizado ultimamente em Salvador os advogados usavam muito as palavras compensar e disciplinar para definir sua função jurídica. Curiosamente você utiliza os mesmos termos para falar do poder, isto é, utilizando a mesma linguagem jurídica, o que pergunto para você é se você cai no mesmo discurso de aparência da sociedade capitalista dentro da ilusão de poder que começa a usar esses juristas? Assim a nova lei das sociedades anônimas se apresentam como um instrumento para disciplinar os monopólios, mas o que ela realmente significa é ser um valioso instrumento tecnológico muito avançado que obedece a determinações independentes da vontade dos juristas quais sejam as necessidades de reprodução do capital. Neste sentido me surpreende o uso da mesma terminologia, continuando, enquanto você estabelece uma dialética entre tecnologia e disciplina, e a minha última surpresa é que você toma como elemento de análise social a população, voltando assim ao período anterior a àquele em que Marx critica Ricardo.

F — Há um problema de tempo, de qualquer modo vamos nos reunir amanhã de tar-

de a partir das 3:00 hs. e então poderemos discutir largamente essas questões maiores, melhor que agora. Vou tentar responder brevemente as duas questões e amanhã você as recolocará de novo, isso não lhe incomoda? Está de acordo? Vejamos o tema geral da questão. Do problema Lecour e do materialismo histórico falaremos amanhã, mas sobre os outros dois pontos você tem razão pois se refere ao que eu afirmei essa manhã. Em primeiro lugar eu não falei com efeito de *Re-foulement*,<sup>3</sup> falei sempre de repressão, de interdição e de lei. Bem, isto é devido ao caráter necessariamente breve e alusivo daquilo que eu possa dizer em tão pouco tempo. O pensamento de Freud é com efeito muito mais sutil do que a imagem que apresentei aqui. Com efeito em torno dessa noção de recalque se coloca o debate entre digamos a grosso modo, Reich e os reichianos, Marcuse etc, e por outro lado os psicanalistas mais propriamente psicanalistas tais como Melanie Klein e sobretudo Lacan. Porque a noção de recalque pode ser utilizada para uma análise dos mecanismos sociais da repressão afirmando que a instância que determina o recalque é uma certa realidade social que se impõe como princípio de realidade e imediatamente provoca o recalque.

Em termos gerais esta é uma análise reichiana modificada por Marcuse com a noção de mais-repressão e de outro lado você tem os lacanianos que retomam a noção de recalque e afirmam: nada disso, quando Freud fala de recalque ele não pensa na repressão, pensa antes num certo mecanismo absolutamente constitutivo de desejo, porque para Freud, diz Lacan, não existe desejo não recalcado, o desejo não existe enquanto desejo senão porque é recalcado e porque o que constitui o desejo é a lei, e assim ele retira da noção de lei a noção de recalque.

Portanto duas interpretações, a interpretação pela repressão e a interpretação pela lei, que descreve de fato dois fenômenos ou dois processos absolutamente diferentes. É verdade que a noção de recalque em Freud conforme os textos pode ser utilizada num sentido ou no outro. Foi para evitar esse difícil problema de interpretação freudiana que só falei de repressão, porque acontece que os historiadores da sexualidade nunca utilizaram outra noção que a de repressão, e nisso por uma razão muito simples, é que

esta noção faz aparecer os contornos sociais que determinam o recalque. Podemos portanto fazer a história do recalque a partir da noção de repressão, enquanto que a partir da noção de interdição que de algum modo é mais ou menos isomorfa em todas as sociedades, não podemos fazer a história da sexualidade. Eis aí porque evitei a noção de recalque e falei somente de repressão.

Em segundo lugar me surpreende muito que os advogados usem a palavra *disciplina*, — quanto à palavra *compensar* não a usei nenhuma vez — a esse respeito quero dizer o seguinte: creio que desde o aparecimento daquilo que chamo biopoder ou anatomo-política, estamos vivendo numa sociedade que está deixando de ser uma sociedade jurídica. A sociedade jurídica foi a sociedade monárquica. As sociedades européias que vão do século XII ao século XVIII foram essencialmente sociedades jurídicas nas quais o problema do direito era o problema fundamental, combatia-se por ele, fazia-se revoluções por ele, etc. A partir do século XIX nas sociedades que se davam sob a forma de sociedade do direito com parlamentos, legislação, códigos, tribunais, havia de fato todo um outro mecanismo de poder que se infiltrava, que não obedecia às formas jurídicas e que não tinha por princípio fundamental a lei mas sim ao princípio da norma, e que tinha por instrumentos não mais os tribunais, a lei e o aparelho judiciário, mas a medicina, os controles sociais, a psiquiatria, a psicologia etc. Portanto estamos num mundo disciplinar, estamos num mundo da regulação. Cremos que estamos ainda num mundo da lei mas de fato é um outro tipo de poder que está em vias de constituição por intermédio de relés que não são mais os relés jurídicos. Então é perfeitamente normal que você encontre a palavra disciplina na boca dos advogados, chega ser interessante ver no que concerne um ponto precioso: como a sociedade de normatização (...) — a habitar e ao mesmo tempo fazer funcionar a sociedade de direito.

Vejam o que se passa no sistema penal. Não sei o que se passa no Brasil, mas nos países da Europa como a Alemanha, França e Inglaterra, praticamente não há um único criminoso um pouco importante e em breve não haverá uma única pessoa passando pelos tribunais penais que não passe também pelas mãos de um especialista em medicina, psiqui-

atria ou psicologia. Isto porque vivemos numa sociedade em que o crime não é mais simplesmente, nem essencialmente a transgressão da lei, mas sim o desvio em relação a uma norma. No que diz respeito à penalidade só se fala agora em termos de neurose, desvio, agressividade, pulsão etc, vocês sabem muito bem. Portanto quando falo de disciplina, de normalização, eu não recaio num plano jurídico; são pelo contrário os homens de direito, os homens da lei, os juristas que são obrigados a empregar esse vocabulário da disciplina e da normatização. Que se fale de disciplina no congresso da OAB só faz confirmar o que eu disse e não que eu recaia numa concepção jurídica. São eles que estão fora de lugar.

**OUVINTE** — Como você vê a relação entre saber e poder? É a tecnologia do poder que provoca a perversão sexual ou é a anarquia natural biológica que existe no homem que provoca...

**F** — Sobre este último ponto, isto é, sobre o que motiva, o que explica o desenvolvimento desta tecnologia, não creio que possamos dizer que seja o desenvolvimento biológico. Tentei mostrar o contrário, isto é, como faz parte absolutamente do desenvolvimento do capitalismo esta mutação na tecnologia do poder. Faz parte desse desenvolvimento na medida em que de um lado foi o desenvolvimento do capitalismo que tornou necessária esta mutação tecnológica, mas esta mutação tornou possível o desenvolvimento do capitalismo, uma implicação perpétua dos dois movimentos que estão de algum modo engrenados um no outro.

Bem, agora a outra questão que concerne ao fato que as relações de poder têm (...) quando há compasso do prazer com o poder, esse é um problema importante. O que eu quero dizer brevemente é que é justamente isso que parece caracterizar os mecanismos de poder em função nas nossas sociedades, é o que faz igualmente com que não possamos dizer simplesmente que o poder tem por função interditar, proibir. Se admitimos que o poder só tem por função proibir, somos obrigados a inventar espécies de mecanismos — Lacan é obrigado a fazer, e os outros também — para poder dizer "Vejam: nos identificamos ao poder" ou então dizemos que há uma relação masoquista de poder que se estabelece e que faz que gostemos daquele que

proíbe; mas em compensação se você admite que a função do poder não é essencialmente proibir mas produzir, produzir prazer, nesse momento pode-se compreender a um só tempo como podemos obedecer ao poder e encontrar nessa obediência um prazer, que não é necessariamente masoquista. As crianças podem servir-nos de exemplos: creio que a maneira como se fez da sexualidade das crianças um problema fundamental para a família burguesa do século XIX, provocou e tornou possível um grande número de controles sobre a família, sobre os pais, sobre as crianças etc, mas criou ao mesmo tempo toda uma série de prazeres novos: prazer dos pais em vigiar os filhos, prazer das crianças em brincar com sua própria sexualidade, contra seus pais e com seus pais, etc, toda uma nova economia do prazer em torno do corpo da criança. Não temos necessidade de dizer que os pais, por masoquismo se identificaram com a lei...

**OUVINTE** — Você não respondeu a questão que foi colocada da relação entre saber e poder e o poder que você Michel, exerce através do seu saber...

**F** — Obrigado por lembrar a questão. Com efeito a questão deve ser colocada. Bem, creio que — em todo caso é o sentido das análises que faço cuja fonte de inspiração você pode ver — creio que as relações de poder não devem ser consideradas de uma maneira algo esquemática como: de um lado estão aqueles que tem o poder e de outro os que não tem. Mais uma vez aqui um certo marxismo acadêmico utiliza frequentemente a oposição classe dominante X classe dominada, discurso dominante X discurso dominado, etc. Ora, esse dualismo, em primeiro lugar nunca será encontrado em Marx, em troca pode ser encontrado em pensadores reacionários e racistas como Gobineu, que admitem que numa sociedade sempre haja duas classes, uma dominada e outra que domina. Você pode encontrar isso em muitos lugares mas nunca em Marx porque com efeito Marx é demasiado astucioso para poder admitir uma coisa dessas; ela sabe perfeitamente que o que faz a solidez das relações de poder é que elas não acabam nunca, não há de um lado alguns e de outro muitos, elas passam por todas as partes; a classe operária retransmite relações de poder, exerce relações de poder. O fato que você seja estudan-

te é já estar inserido numa certa situação de poder; eu como professor estou igualmente numa situação de poder, estou numa situação de poder porque sou um homem e não uma mulher e pelo fato de você ser uma mulher está igualmente numa situação de poder, não a mesma, mas todos estamos igualmente etc. Bem, de qualquer pessoa que sabe alguma coisa, podemos dizer "você exerce o poder". Essa é uma crítica estúpida na medida em que ele se limita a isso. O que é interessante é, com efeito saber como em um grupo, em uma classe, em uma sociedade funcionam as malhas do poder, isto é, qual é a localização de cada um na rede do poder, como ele o exerce de novo, como ele o conserva, como ele repercute etc.



<sup>3</sup> *Recalcamento ou Recaque*, na edição portuguesa de Laplanche e Pontalis (*Vocabulário de Psicanálise*, Ed. Martins Fontes) são de uso consagrado em diversas traduções de textos psicanalíticos. Por sugestão do tradutor, adotamos o segundo termo. (N. dos E.)

<sup>1</sup> Surveillant (N. do T.)

<sup>2</sup> Charnière (N. do T.)

Tradução do Prof. Ubirajara Rebouças.

SEM DESTINO



Não quero desempenhar nenhum papel social, nem deter nenhum status, busco minha liberdade e encontro meu prazer na vida orgânico-animal: no instinto. Nego-me como ~~homo~~ Sapient, membro de uma civilização, portador de uma cultura, participante de uma Cidade (da Polis, da Res Publica, da República, do Estado, da coisa pública).

Me encanta uma frase que li num muro: "Liberte a fera que há em você!" Mil vezes esta idéia do que a de "Abaixo a Ditadura, viva a Democracia!" Mas basta caminhar um pouco refletindo sobre o seu significado para se lembrar desta cidade infestada por um banditismo feroz, marcado por requintes de extrema crueldade. E, sem ir mais longe, serei eu capaz de conviver com o banditismo? Diante do bandido eu quero a polícia ou terei de me armar e aprender a lutar para me defender. Preciso do dinheiro, do fabricante de armas e munições, e sobretudo de estar com disposição de, se preciso for, matar.

E cá estou eu cortejando a minha condição civil e esperando que a sociedade crie um órgão capaz de defender minha vida e meus bens.

Não sei o que fazer nem o que pensar. Entre a teoria e a prática há mais coisas do que sonha nossa vã sociologia. Gosto de Weber porque ele ensina as pessoas a reconhecerem os inconvenientes de suas posições. Sempre diz cruamente que se quisermos determinado fim temos de aceitar os meios. Lembra também que os deuses estão em permanente conflito entre si. Não podemos adorar dois deuses ao mesmo tempo. Uma coisa pode ser bela, mas nem por isso é sagrada ou boa. O conflito da vida jamais encontrará repouso.

O anarquismo não é uma causa pela qual se luta. Poderíamos dizer que o anarquismo é uma ação anarquista. E é por este rumo que ele se define. Pressupondo atitudes individuais de insubmissão, a Anarquia é sobretudo uma vivência não adiada que se processa à margem da sociedade e contra ela.

O anarquismo não é nem pode ser doutrina, é uma atitude, mais do que atitude, é uma vivência não adiada. É isto mesmo: uma vivência não adiada. A anarquia não é para amanhã. Ela só é se for aqui e agora uma atitude de insubmissão e uma vivência à margem da sociedade. Não há a sociedade anarquista de que falam os doutrinários.

Como viver à margem da sociedade? Não creio que o anarquista possa ser a favor de alguma coisa. Só pode ser CONTRA. Nosso papel seria, não o de defender a cultura, mas o de criar uma CONTRA-CULTURA; deveríamos propugnar pelo CONTRA-PODER; antagonico a todos os poderes políticos e sociais. Creio que, do mesmo modo, poderíamos ter uma vivência à margem da sociedade por meio de uma CONTRA-SOCIEDADE. Tentar praticar formas de vida anárquica envolvidas pelo mundo árquico. Pensar a coisa não de modo metafísico, supondo utopicamente uma forma de vida estável e idêntica a si mesma, mas apenas como experiência desesperada de vida associativa, sabendo que mesmo a mais rudimentar forma de vida associativa implica na limitação do indivíduo e na coação do grupo. Algo feito para ser desfeito, precário, provisório, instável, contraditório, um caminho sem destino, uma bússola sem norte. Anarquia é luta sem vitória possível. O único resultado é a reconstituição da autoridade, de um outro Nós.

Individualidade é singularidade, mas a singularidade é a morte. O plural é a limitação do Eu, mas o Eu em si e para si é Espírito. Mas eu sou carne, sangue, músculos, nervos, cérebro, consciência, memória, linguagem, intercâmbio, sexo, relações, dor, vida, alegria, fome, prazer, fadiga, trabalho, felicidade, sono, sonho...

Stirner dizia que sou único e que minha propriedade é minha individualidade. O eu do ponto de vista biológico não apresenta problemas. E o eu como individualidade? O que é que eu sou, não como ser social, mas efetivamente como individualidade? Para Stirner é muito simples, eu sou idêntico a mim mesmo. Mas depois de Stirner tivemos Freud. Segundo a psicanálise o ego e o ser consciente são formas distorcidas de algo não perceptível de modo imediato, o id. Pela psicanálise sei que meu ser consciente não é idêntico ao meu ser real. Depois de Freud ninguém mais pode ter certeza de sua própria identidade. Minha vontade é imperceptível, inconsciente, desconhecida de mim mesmo, misteriosa. Onde está minha individualidade? O que sou eu? O que é que eu quero? Será que para recuperar ou descobrir minha individualidade, preciso da autoridade de um psicanalista? O fato é que pelas teorias da psicanálise não sou único mas plural, uma espécie de santíssima trindade, id, ego e super-ego. Se não possuo uma individualidade não sou próprio nem proprietário.

Deus morreu, Marx morreu, Bakunin morreu, Stirner morreu... e eu estou muito triste.

Certa vez Tolstói disse que se a racionalidade predominasse inteiramente a vida seria impossível. Foi este mesmo espírito que convenceu Weber de que os conflitos da vida jamais encontrarão repouso. Se nos ativermos à racionalidade das ciências humanas despojadas de todo doutrinário, nosso destino será o mais atroz desespero. Talvez todo o racionalismo cientificista não seja a única maneira de podermos encarar o mundo. Creio que vivemos atualmente uma crise geral de toda a nossa cultura e civilização. Tudo cai aos pedaços, o sistema econômico mundial, o sistema de política internacional, o industrialismo, a vida urbana, os costumes, os Estados nacionais, o doutrinário, o ideologismo, o equilíbrio ecológico e, no etcétera, devemos acrescentar que vivemos também uma crise epistemológica. A história passou pela fase da visão teológica do mundo, e da visão jurídica — agora vivemos a época da concepção racionalista e cientificista do mundo. Todo o nosso sistema de poder se sustenta ideologicamente neste cientificismo. A própria forma de dominação burocrática e tecnocrática tem por base a razão, não a razão material ou substancial, mas a razão formal de que fala Weber, ou a razão funcional de que fala Mannheim, ou a razão instrumental de que fala Horkheimer. Nossa maneira de pensar, de encarar o mundo e a nós mesmos é histórica. O pensamento não domina a vida.

“É a teoria que decide o que podemos observar” — disse Einstein. O nosso racionalismo teórico desencantou o mundo. Ele não é fruto do acaso, mas — racionalística e materialisticamente falando — nasceu com um modo de produção e com ele se fortaleceu — o industrialismo (não importa se capitalista ou socialista). Parece que a humanidade está se cansando dele. As bugangas entupiram a nossa vida material e espiritual.

Talvez a crise de energia pudesse modificar, todo o nosso modo de produção industrialista. Do mesmo modo como o carvão e o vapor há dois séculos criaram tudo isto, a escassez de petróleo poderia encaminhar a vida para uma forma mais simples e descentralizada, permitindo-nos voltar nossos olhos das grandes totalizações e abstrações (Estado, Povo, Sociedade, Proletariado, Humanidade) para a cotidianidade. O que hoje se apresenta como contra-cultura talvez seja o germen de algo novo. No entanto, a anarquia não pode ser futuro.

Anarquia é presente. É “vivência não adiada” (como gosto desta idéia de vivência não adiada). Assim sendo, não vejo nada de profícuo em polemizar ou escrever livros e artigos para criticar o marxismo ou seja lá o que for. CHEGA DE DOUTRINARISMO, positivo ou negativo, apologético ou crítico. Trata-se de viver a vida. A vida foi feita para ser vivida e não para ser pensada. Agora é jogar-se na aventura da vida, sem conceitos, abstrações ou teorias. Talvez seja isto a possível contra-cultura na contra-sociedade.



G - E. Debord

A deriva se apresenta, entre os diversos procedimentos situacionistas, como uma técnica de passagem antecipada por ambientes variados. O conceito de deriva está indissolivelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica, e à afirmação de um comportamento lúdico-construtivo, o que a opõe totalmente às noções clássicas de viagem ou de passeio.

Uma ou várias pessoas dedicando-se à deriva renunciam, por um longo tempo mais ou menos longo, aos motivos pelos quais deslocam-se ou agem e que geralmente identificam nas relações, trabalhos e entretenimentos que lhes são próprios, para deixarem levar pelas solicitações do terreno e confluências que a ele correspondem. O aleatório é aqui menos importante do que se crê: do ponto de vista da deriva, existe um relevo psicogeográfico das cidades, com fluxos constantes, pontos fixos e turbilhões que dão acesso ou saída de algumas zonas muito incômodas.

Mas a deriva, em sua unidade, compreende por sua vez esse deixar-se levar e sua contradição necessária: a dominação das variações psicogeográficas pelo conhecimento e pelo cálculo de suas possibilidades. Sob este último aspecto os dados evidenciados pela ecologia, tão limitado como seja *a priori* o espaço social que esta ciência se propõe estudar, não deixam de sustentar proveitosamente o pensamento psicogeográfico.

44

A análise ecológica de caráter absoluto ou relativo dos cortes do tecido urbano, do papel dos microclimas, das unidades elementares inteiramente distintas dos bairros administrativos, e sobretudo a ação dominante de centros de atração, deve ser utilizada e completada pelo método psicogeográfico. O terreno passional objetivo em que se move a deriva deve ser definido ao mesmo tempo segundo seu próprio determinismo e segundo suas relações com a morfologia social.

Chombart de Lauwe no seu estudo sobre "París e a aglomeração parisiense" (Biblioteca de Sociologia Contemporânea, P.U.F. 1952) mostra que "um bairro urbano não está determinado somente por fatores geográficos e econômicos, mas também pela representação que seus habitantes e os de outros bairros têm dele"; e apresenta na mesma obra, para mostrar a "estreitez da Paris real em que vive cada indivíduo... geograficamente um marco cujo raio é extremamente pequeno", o traçado de todos os trajetos efetuados em um ano por uma estudante do distrito XVI; esses trajetos desenham um triângulo de dimensão reduzida, sem escapes; nos três extremos estão a Escola de Ciências Políticas, o domicílio da jovem e de seu professor de piano.

Não é duvidoso que tais esquemas, exemplos de uma poesia moderna susceptível de trazer consigo vivas reações afetivas — neste caso a indignação de que seja possível viver-se dessa maneira — ou inclusive a teoria, lan-

gada por Burgess sobre Chicago, da distribuição das atividades sociais em zonas concêntricas definidas, não sirvam ao progresso da deriva.

Enquanto a observação psicogeográfica está ainda pouco assegurada, o acaso joga na deriva um papel tão ou mais importante. Mas a ação do acaso é naturalmente conservadora e tende, em um novo marco, a reduzir tudo à alternância de um número limitado de variantes e ao hábito. Não sendo o progresso mas que a ruptura de um dos marcos nos quais age o acaso, mediante a criação de novas condições mais favoráveis aos nossos desígnios, pode-se dizer que os acasos da deriva são fundamentalmente diferentes daqueles do passeio, mas que os primeiros atrativos psicogeográficos que se correm o risco de... fixar o sujeito ou grupo que deriva, em torno de novos eixos habituais, para os quais tudo volta a levá-los constantemente.

Uma desconfiança insuficiente com relação ao acaso e ao seu emprego ideológico, que é sempre reacionário, condenava a um triste fracasso a célebre deambulação sem fim, tentada, em 1923, por quatro surrealistas a partir de uma cidade escolhida ao acaso: o vagar em campo limpo é evidentemente deprimente e as interpretações do acaso são mais pobres que em qualquer outra ocasião. Mas a irreflexão é levada muito mais longe em *Medium* (maio 1954) por um certo Pierre Vendryes que crê poder acrescentar a esta anedota, porque tudo isso participaria de uma mesma liberação antideterminista, algumas experiências probabilísticas como por exemplo, sobre a distribuição aleatória de girinos num cristal circular, cuja chave acaba por esclarecer: "é necessário, por hipóteses, que semelhante multidão não sofra nenhuma influência diretiva do exterior". Nestas condições surgem os girinos, que têm a vantagem de estar "tão carentes quanto possível de inteligência, sociabilidade e de sexualidade" e portanto, são "verdadeiramente independentes uns dos outros".

Os antípodas destas aberrações, o caráter principalmente urbano da deriva, o contato com o centro de possibilidades e significações, que são as grandes cidades transformadas pela indústria, responderia melhor a frase de Marx: "Os homens não podem ter nada ao redor de si que não seja seu rosto; tudo lhes fala de si mesmos. Sua própria paisagem está animada".

"Dona de seus desejos, viu o mundo, foi vista nele."

Bossuet

Pode-se derivar só, mas tudo indica que a distribuição numérica mais fecunda consiste em vários grupos pequenos de duas ou três pessoas que chegaram a uma mesma conscientização; ao ressaltarem-se as impressões desses grupos distintos deve-se chegar a algumas conclusões objetivas. É desejável que a composição desses grupos mude de uma deriva a outra. Acima de quatro ou cinco participantes o caráter da deriva decresce rapidamente e, de qualquer maneira é impossível superar a dezena sem que a deriva se fragmente em várias derivas levadas a efeito simultaneamente. A prática desse último movimento é, por outro lado, de grande interesse, mas as dificuldades que traz consigo não permitiram organizá-lo com a amplitude desejável até o momento.

A duração média de uma deriva é a jornada considerada como o intervalo de tempo compreendido entre dois períodos de sono. Os pontos de partida e chegada, no tempo, com relação à jornada solar, são indiferentes, mas deve-se dizer que as últimas horas da noite são geralmente impróprias para a deriva.

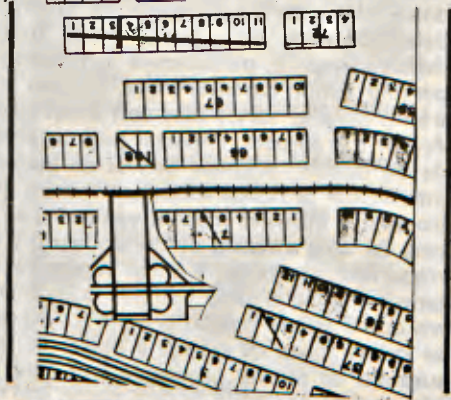
Esta duração média da deriva tem somente um valor estatístico. Em primeiro lugar, porque raramente se apresenta em toda a sua pureza, pois dificilmente os interessados evitam, no princípio e no final da jornada, distrair-se uma ou duas horas para dedicarem-se a ocupações banais; no fim da jornada a fadiga contribui muito para esse abandono. Mas a deriva se desenvolve sobretudo detalhadamente em algumas horas fixadas deliberadamente, ou inclusive fortuitamente por um tempo bastante breve, ou pelo contrário, durante vários dias sem interrupção. Apesar das paradas, impostas pela necessidade de dormir, algumas derivas de bastante intensidade prolongaram-se por três ou quatro dias, e inclusive mais. É verdade que, no caso de uma sucessão de derivas em um período bastante longo, é quase impossível determinar com alguma precisão o momento em que o estado mental próprio a uma deriva determinada dá espaço a outra. Se uma sucessão de derivas prossegue sem interrupção notável por volta de dois meses, isto não

acontecerá sem que traga novas condições objetivas de comportamento, que carregam consigo o desaparecimento de grande quantidade das antigas.

A influência das variações climáticas sobre a deriva, ainda que real, não é determinante senão nos casos de chuvas prolongadas, que a impedem quase absolutamente. Mas as tempestades e os demais tipos de precipitação são muito propícias.

O campo espacial da deriva é mais ou menos preciso ou vago, segundo essa atividade indique ou ao estudo de um terreno ou a resultados afetivos desconcertantes. Não se despreze o fato de que esses dois aspectos da deriva apresentam múltiplas interferências, e que é impossível isolar um deles em seu estado puro. Mas, finalmente, o uso dos táxis, por exemplo, pode dar uma linha de partida bastante clara; se no curso de uma deriva se toma um táxi, seja com um destino preciso, seja para deslocar-se vinte minutos a Oeste, se opta sobretudo pela desorientação pessoal. Dedicando-se à exploração direta dum terreno, prefere-se a busca de um urbanismo psicogeográfico.

Em qualquer caso o campo espacial está em função, em primeiro lugar, das bases de partida constituídas, para os indivíduos isolados, por seu domicílio; e para os grupos, por lugares de reunião escolhidos. A extensão do campo espacial não supera o conjunto de uma grande cidade e seus subúrbios. Sua extensão mínima pode estar reduzida a uma grande unidade de ambiente: só um bairro, ou inclusive somente um ilhéu se valer a pena (no limite extremo da deriva-estática de uma jornada sem sair da estação Saint-Lazare).



A exploração de um campo espacial fixo supõe, pois, o estabelecimento de bases, e o cálculo das direções de penetração. É aqui que intervem o estudo de mapas, tanto os comuns como os ecológicos ou psicogeográficos: a retificação e melhora desses mapas. É necessário dizer que a predileção pelo bairro, desconhecido em si mesmo, jamais percorrido, não intervem de nenhuma maneira? Aparte sua insignificância, este aspecto do problema é completamente subjetivo e não subsiste muito tempo.

A parte da exploração, ao contrário, é mínima com relação à de um comportamento desconcertante, no "encontro possível". O sujeito somente é convidado a dirigir-se numa hora precisa, a um lugar que se lhe fixa. Está liberado das incômodas obrigações do encontro ordinário, já que não tem que esperar ninguém. No entanto, ao dirigir-se a este "encontro possível", inesperadamente, a um lugar que pode conhecer ou ignorar, observa os arredores. No mesmo lugar, alguém cuja identificação não pode prever, tem ao mesmo tempo um outro "encontro possível". Pode, inclusive, nunca havê-lo visto; o que o leva a conservar com diversos transeuntes. Pode não encontrar ninguém, ou encontrar por acaso, inclusive, o motivo de seu "encontro possível". De qualquer maneira e sobretudo se o lugar e a hora foram bem escolhidos, o emprego do tempo do sujeito tomará um rumo imprevisto. E por telefone pode inclusive solicitar outro "encontro possível" a alguém que ignora, no local do primeiro. Pode-se ver os recursos quase infinitos desse passatempo.

Assim, o modo de vida pouco coerente e mesmo certas diversões consideradas equívocas, sempre são cabíveis em nosso entorno, como por exemplo, introduzir-se à noite nos pisos de casas em demolição, percorrer sem parar Paris num ônibus durante uma greve de transportes sob o pretexto de agravar a confusão, fazendo-se conduzir a qualquer lugar, andar por esses subterrâneos das catacumbas que estão proibidos ao público; o sentimento mais geral experimentado não seria mais que o sentimento da deriva. O que se escreve é válido unicamente como senha neste grande jogo.

Os ensinamentos da deriva permitem estabelecer as primeiras listas de articulações psicogeográficas duma cidade moderna. Além do reconhecimento de unidades de ambiente, de seus componentes principais e de sua localização espacial, percebem-se seus eixos principais de passagem, suas saídas e seus limites. Chega-se à hipótese central da existência de plataformas giratórias psicogeográficas. Medem-se as distâncias que efetivamente separam duas regiões de uma cidade, e que não guardam relação com o que a visão aproximativa de um plano poderia induzir. Pode-se dispor, com a ajuda de velhos mapas, de fotografias aéreas e de derivas experimentais, de uma cartografia influenciada que faltava até o momento, e cuja imprecisão atual, inevitável até que se conclua um imenso trabalho, não é pior que a dos primeiros portulanos, com a diferença de que não se trata de delimitar precisamente continentes duradouros, mas de transformar a arquitetura e o urbanismo.

As diferentes unidades de atmosfera e habitação não estão hoje em dia exatamente marcadas, mas rodeadas de margens fronteiriças mais ou menos extensas. A transformação mais geral que a deriva chega a propor é a diminuição constante dessas margens fronteiriças, até sua supressão completa.

— A quem anuncio o senhor Duque?

— Ao jovem que uma noite discuti com ele em Pont-Neuf, frente à Samaritaine.

— Singular recomendação!

— Vereis que vale tanto quanto qualquer outra.”

Dumas (Os Três Mosqueteiros)



Inclusive na arquitetura a predileção pela deriva leva a preconizar todo tipo de novas formas de labirinto que as possibilidades de construção atual favorecem. Assim, a imprensa informa, em março de 1955, sobre a construção em Nova York de um imóvel no qual pode-se ver os primeiros sinais de uma oportunidade de deriva no interior do apartamento:

“Os quartos da casa helicoidal terão a forma de uma fatia de pastel. Poderão ser aumentados ou diminuídos a vontade, pelo deslocamento de tabiques móveis. A graduação média dos pisos evita a limitação do número de habitações, podendo o inquilino solicitar a utilização da fatia seguinte acima ou abaixo. Este sistema permite transformar em seis horas três apartamentos de quatro habitações, em um apartamento de doze peças ou mais.”

(Trad. Denise Pereira)



# anarquia e barbárie

but what can a poor boy do  
'cept to sing for a rock'n roll band?  
'cause in sleepy london town  
there's just no place for  
a street fighting man.

(rolling stones)

No reino animal, a associação tem como hieróglifo prático o castor e como hieróglifo visual o pavão real. Os olhos semeados em sua plumagem são o emblema da ordem societária, de sua magnificência e de suas desigualdades. Essa série de olhos alinhados em ordem progressiva mostra que a associação não pode aliar-se com os sonhos de igualdade e nivelação de nossos filósofos.

(charles fourier)

Durante os recentes conflitos raciais da Inglaterra,\* uma rede de televisão brasileira apresentou uma cobertura de 1 (hum) minuto feita por sua correspondente no local. Segundo ela, os jovens entrevistados disseram que jogaram pedras na polícia porque "não tinham o que fazer" (sic). Apesar da idéia de que os acontecimentos são em parte construídos pelos mídia já ser comumente aceita por um "público informado", ainda sobra oportunidade para ficarmos em dúvida se devemos nos admirar com o cinismo com que os meios de comunicação oferecem aos espectadores suas "versões", ou se devemos guardar a nossa admiração para a facilidade com que essas versões espetaculares são assimiladas por aqueles que se "opõem" ao espetáculo.

Se tomarmos por exemplo os noticiários da imprensa liberal e de esquerda, veremos que eles fazem eco com a tv ao considerarem esses conflitos como expressão da "falta de perspectivas" da juventude proletária inglesa, providada pelo desemprego, etc. Ou seja, segundo eles os jovens de fato *não tinham o que fazer*, pois não tinham *trabalho*. Se eles estivessem trabalhando nas fábricas, certamente encontrariam nos sindicatos e nos partidos da classe operária os canais adequados para expressar a sua revolta — até então irracional e desorganizada — contra o capitalismo.

Posso adiantar que aqueles que concordam com isso pouparão um grande aborrecimento parando de ler por aqui. Isso porque, a meu ver, a revolta da juventude nos grandes países industriais (e ao contrário do que se pensa, no chamado terceiro mundo), é também uma revolta *contra o trabalho*<sup>1</sup>.

Desde a contracultura ela vem aparecendo sob as formas mais diversas, individual ou coletiva, pacífica ou violenta, difusa ou organizada.

Os múltiplos acontecimentos que tiveram como palco os anos 60, e que nós designamos pelo título genérico de *contracultura*, tiveram como característica comum o fato de serem uma Grande Recusa (alguém se lembra dessa expressão?). Recusa à monotonia e ao tédio de uma sociedade que "aboliu a aventura", à miséria da vida cotidiana, à um *american way of death*. Isto aliás não precisaria ser lembrado para aqueles que conhecem as letras de rock da época — elas invariavelmente falavam sobre uma sociedade onde "em toda parte existem montes de porcos vivendo vidas porcas". Tratava-se so-



bretudo — e ainda hoje se trata ) de uma questão de *qualidade de vida*.

Nunca é demais lembrar que essa recusa foi um fato sem precedentes na nossa sociedade, e que não pode simplesmente ser reduzida ao "natural" conflito de gerações, como muito bem apontaram os situacionistas: "Assim, reconduz-se uma nova juventude da revolta à eterna revolta da juventude, que renasce em cada geração para esmorecer quando "o rapaz é apanhado pela produção a sério e pela produção que tem em vista fins concretos e reais". (A *Miséria do Meio Esdantil*).

Mas, se por um lado a juventude recusava o trabalho, ela ao mesmo tempo aceitava animadamente o consumo, despejando milhões de dólares no mercado através da indústria fonográfica e da indústria da moda. Isto lhe custou a desconfiança de alguns críticos, que em geral costumam fazer dois tipos de análise. A primeira, mais grosseira e de estilo paranóide, vê na contracultura um artifício da máquina capitalista visando "alienar" os jovens. Um bom exemplo desta pérola de "análise sociológica" é o que segue:

"Em meados da década de 50, superada a crise econômica do pós-guerra, os *teenagers* encontraram-se pela primeira vez com dinheiro e com o fato de que não tinham nada

que lhes fosse próprio: nem música, nem roupas, nem identidade; tinham de dividir seu mundo com o dos adultos. Porém, os homens de negócio compreenderam que os *teenagers* converteram-se em unidades comerciais independentes, com gostos e necessidades diferentes, e começaram a oferecer-lhes *coisas*: calças texanas, motocicletas, camisas, música. Daí nasceriam o primeiro estabelecimento de modas de Mary Quant, o cinema e a arte de Andy Warhol, e a música pop." (*Os Movimentos Pop*).

Menos vulgar, porém igualmente reducionistas, é o enfoque que considera a contracultura como um movimento até certo ponto radical "a nível de superestrutura", mas que foi "recuperado" pela ideologia. Entre os partidários desta segunda hipótese, é interessante observar um historiador como Mário Maffi executar verdadeiros malabarismos teóricos no seu livro *La Cultura Underground*, tentando equilibrar uma simpatia espontânea pela contracultura com uma repulsa marxista à política anárquica e à relação ambígua entre os hippies e a chamada sociedade de consumo.

Ora, cabem aqui algumas esclarecimentos. Primeiro, que a rigor a contracultura não pode ser considerada um *movimento*, sendo muito mais uma série de acontecimentos mais ou



menos encadeados. Em segundo lugar, a luta de classes nunca foi um ponto central, mesmo para os setores politizados, como os *yippies*. Ao contrário, suas questões fundamentais giravam em torno do prazer, do lúdico, da felicidade, e nesse sentido ela se aproximava muito mais de um certo tipo de socialismo utópico. A classe operária nunca foi o interlocutor da contracultura, assim como já não é mais também para o anarquismo contemporâneo. A Conferência Anarquista de Nova Inglaterra, que reúne libertários do nordeste dos E.U.A., publicou recentemente um jornal chamado *Black and Green*. Segundo um de seus membros, a explicação do título é a seguinte:

"As cores anarquistas tradicionais, vermelho e preto, são um testamento das raízes do anarquismo contemporâneo no movimento operário. Nós acreditamos que o movimento operário há muito tempo exauriu o seu potencial como uma força revolucionária, que a classe trabalhadora tradicional *como uma classe* foi tão assimilada aos regimes da sociedade de consumo, que ela se tornou uma força ativamente contra-revolucionária.

Em vez disso, nós consideramos os movimentos comunitários em rápido crescimento, para buscar modelos de organização, ação direta e apoio mútuo (apesar de suas inclinações freqüentemente reformistas) e a ecologia para a visão de um novo relacionamento com a natureza e para a transcendência de um sistema de necessidades impostas. Combinado com a tradicional bandeira negra da revolta, isto nos dá *Black and Green*."

(*Open Road*, nº 12)

Uma vez esclarecido este ponto, devo dizer que para mim, portanto, saber que a contracultura se alimentava do lixo das sociedades industriais é um dado importante apenas do ponto de vista de que isso pode ter contribuído para minar alguns projetos de autonomia que se colocavam naquele momento. Algumas das famosas comunidades rurais, por exemplo, desapareceram entre outras razões devido a uma crença ingênua no retorno ao primitivismo e pelo fato da tecnologia branda, que possibilita a autonomia energética e alimentar através da energia solar, energia eólica, biogás, agricultura biodinâmica, etc, ser ainda embrionária e experimental. Aqueles que fundaram as tais comunidades partiram de um projeto de auto-



nia sem dispor dos recursos tecnológicos que tornariam possível essa autonomia.

A questão da "recuperação" para mim está desde logo descartada. Não se trata para mim da ideologia, isto não interessa para a reflexão que eu proponho aqui. O que me interessa estudar é que relações há entre a contracultura e os movimentos de resistência contemporâneos; em que sentido alguns desses movimentos podem ser considerados como "herdeiros" da contracultura, e como certas táticas atuais de autonomia foram praticadas pela primeira vez naquela época. Apenas isto. Vou tentar sistematizar então todos esses pontos e arriscar algumas suposições.

A partir da Grande Recusa a algo que os hippies chamavam de forma ambígua "o Sistema", "o Establishment", etc, e que os situacionistas tentaram definir de forma mais precisa com a noção de *espetáculo* eles criaram uma série de táticas de autonomia e resistência a micropoderes, que eu dividiria em três grupos:

O grupo das táticas de sobrevivência, que visam escapar aos controles que o trabalho assalariado impõe sobre o espaço e o tempo do indivíduo (deslocamento ao local de trabalho, divisão do tempo em horas de trabalho/horas de lazer, etc), e que incluem o pequeno comércio do artesanato, os bicos e os pequenos furtos (que aliás, segundo estatísticas recentes dos E.U.A., têm crescido de forma incontrolável nos supermercados e nas lojas de departamentos). As manifestações mais recentes dessas táticas de sobrevivência seriam o movimento italiano de *auto-redução* no final da década de 70, e todas as formas de sonegar total ou parcialmente os

impostos e as taxas do governo (contas de água, luz, telefone, etc) em qualquer parte do mundo.

O grupo das táticas de circulação alternativa de informação, que visam furar o bloqueio da grande imprensa e divulgar notícias, dicas e contatos que interessam aos que buscam a autonomia, e que tomam o seu grande pique com a disseminação da imprensa alternativa pelos mais diversos países, e hoje em dia com as rádios livres na Europa.

O terceiro grupo não se encaixa bem nessa classificação, pois não visa resistir a poderes específicos mas sim criar uma *mitologia*. Diante das mitologias sociais da família, da escola, do trabalho, da ascensão social, etc, a contracultura resolve criar sua própria mitologia — com sua linguagem, seus costumes, seus ritos, seus deuses e seus demônios.

Esta talvez tenha sido a utopia mais radical da contracultura: a de pretender ser uma tribo estrangeira vivendo no interior do território da sociedade capitalista, com a sua própria cultura em oposição à cultura local — daí o termo *contracultura*. Absurdo, romântico ou ingênuo do ponto de vista de uma teoria centralista do poder; perfeitamente plausível para Charles Fourier, um utopista do século XIX para o qual a sociedade deveria se organizar como uma série de tribos de pessoas associadas com o objetivo de promover a afirmação de suas diferenças e o desenvolvimento de suas paixões (que Fourier classificava em número de 1620). Penso que era nesse sentido que se orientava a contracultura, assim como também os movimentos autônomos, ao colocarem hoje em dia suas questões específicas<sup>2</sup>. É o caso de certos movimentos étnicos, que defendem a restaura-

ção da "suas culturas" no interior da "sociedade branca", com a retomada de roupas, costumes e línguas de origens diversas

Esse sentimento de pertencer a uma tribo trouxe consigo a necessidade de marcar as diferenças em relação às tribos vizinhas, de trazer no próprio corpo os emblemas de sua tribo, de seu clã. Daí os colares, as pulseiras, os cabelos compridos e as roupas coloridas dos *hippies* na década de 60. Até mesmo a sujeira tinha o valor de uma marca de filiação a um clã, um signo impresso na pele, que os distinguia aonde quer que fossem. A prática de marcar o corpo é retomada de forma radical no final da década passada pelos *punks*, com formas extremas que chegam à auto-mutilação: a carne cortada e perfurada por argolas, presilhas, giletes e correntes. "As cicatrizes desenhadas sobre o corpo são o texto inscrito da lei primitiva, é, nesse sentido, uma *escrita sobre o corpo*" (*A Sociedade contra o Estado*). Clastres diz que nas sociedades primitivas a lei é inscrita sobre o corpo dos indivíduos para evitar que ela exista em separado, que ela se cristalice em Estado. Será assim também para os *punks*, essa tribo "sem futuro", sem governo...sem Estado? **Q**.

**NOTAS**  
1 Digo também porque creio que essa revolta ultrapassa em vários pontos a questão do trabalho.  
2 Acerca disso falarei mais adiante.

É desnecessário tornar a lembrar que isso não significa o retorno a uma posição "reformista" ou "contra-revolucionária" (eu mesmo usei em outro lugar a noção situacionista de espectador cínico para prevenir contra uma utilização neo-conformista desse tipo de colocação). O que está em jogo aqui, se seguirmos radicalmente Foucault, é a própria idéia de revolução; pois a noção tradicional de poder em que ela se apoia é negada na prática pelos movimentos autônomos. Os instrumentos teóricos fornecidos por Foucault, entre outros, nos possibilitaram analisar o poder em sua pluralidade e heterogeneidade. Já os movimentos autônomos em suas lutas cotidianas puseram em ação táticas de resistência às malhas do poder, criando verdadeiras revoluções moleculares.

Este é o momento em que se expõe a contradição teórica e prática em que estão enredados os chamados marxistas liberais e os anarquistas tradicionais, que reconhecem a autonomia dessas lutas, ao mesmo tempo em que apelam ao seu englobamento por uma luta "mais geral", que conduziria todos à revolução. Contradição entre duas concepções de poder divergentes, e que na prática só pode corresponder a uma perplexidade política.

Para aqueles que ainda acham que as questões abordadas neste artigo não têm nada a ver com a "realidade brasileira" o quebra-quebra de agosto aquina Bahia responde melhor do que eu. O motivo de não tê-lo comentado é que ele ocorreu após este texto já ter sido concluído.



CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

# BOB MARLEY,



## VIVE

11 de maio/81

SEGUNDA DE BABALÃO

— PARTIU DESTA PRÁ OUTRA...

O PRETO BOB MARLEY.

SUCUMBINDO FÍSICAMENTE,

FRÁGIL VÍTIMA DE UM EFICIENTE

CÂNCER CÉREBRO-OCIDENTAL,

GASTOU-SE MUITA MORFINA NO LANCE...

TRISTE E IRÔNICA MANCHETE!

"NEGRO VEGETARIANO MORRE DE CÂNCER NO CÉREBRO"

— SIM, O MESMO QUE MATOU O XERIFE (I SHOT THE SHERIFF)

QUE FALOU DA SOBREVIVÊNCIA (SURVIVAL) E REBELIÃO (UPRISING)

AQUELE QUE CANTOU A LUTA ARMADA

E AFIOU OS ACORDES DO FACÃO...E SE FOI NUMA QUEBRADA, NÃO MENOS ESTRANHA.

POUCOS CANTARAM A COR, A LUTA E A RAÇA

COMO MARLEY, ELE JOGOU NA PRAÇA

A ESTRELA DO DESAFIO, SOMANDO A LUTA

AO PRAZER DE EXISTIR.

SORRIDENTE AO SE QUEIMAR NAS BRASAS QUE POR RODAS ROLAM

DESPREZANDO OS PINGOS E SOLOS DA AGULHA.

SE FEZ OUVIR NOS MICROFONES DOS PODEROSOS...

E O PIOR...COMO PRETO LEVANTOU AS MÃOS CHEIAS DE OSSOS.



*godi*

o colírio  
que pingaram  
nos meus olhos  
era ácido

Deus está morto  
Marx está morto  
eu estou morto

vou enterrar os três  
depois de amanhã

seguinte:  
tá todo mundo doído  
com estes anos loucos

pertencemos a uma geração  
que não existe, certo?

Nicolas Behr



Não  
Eu não sou o seu rei  
nem serei mais o seu senhor

Não mais o possuirei  
nem serei seu redentor

Salvar você? Eu já não posso  
Prender-te! Não mais consigo

**DEUS ESTÁ LIQUIDADADO**  
Ele morre e nasce todos os dias dentro de nós  
À lua, o astronauta, São Jorge, não encontrou  
Na terra, o homem morre de fé, fome e pudor  
o mistério foi desvendado  
a incognitasmalogrou

**RAINHAS E REIS? PRESIDENTES? O PAPA, POETAS E CANTORES  
ATORES**vivem entusiasmados a poesia do não agir

E eu  
dono do outo, da terra, do prazer e do papel  
estou aqui  
cabelos e dentes (a cair)  
carne e ossos (putrefatos)  
pênis, olhos e cérebro (alienados)  
...e uma música bela e suave a me perseguir

douglas de almeida

baiano de Itabuna, produz a "República das Banana" re-  
vista de criação.



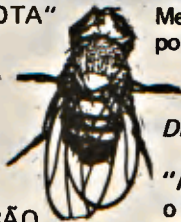
## POEMAS ANARCHISTAS II

Todo o poder  
e a onipotência  
do Estado,  
da família,  
da Igreja,  
e do Partido  
cabem folgadoamente  
no espaço circular  
criado pela  
justaposição  
dos meus irreverentes  
dedos "fura-bolo"  
e "mãta-piolho".

Assim, ó...

Caesar Sobreira

em Olinda produziu os alternativos  
"O BARATO DA PATOTA"  
e  
"ZUMBI"



### A NOSSA TRAIÇÃO

As palavras têm os sentidos  
que lhes damos.

Melhor, significam mais e mais  
o que lhes não negamos.

E nós — tão só — lhes negamos  
que signifiquem o nosso  
coração

o coração imenso e humano  
da liberdade,  
atrofiada  
na teimosia de sermos  
as coisas que não somos

alcides buss

do grupo editor da revista 'cor-  
dão' em florianópolis".



### POEMA PSICANALÍTICO

Abrem-se as cortinas  
para o grande Ato:  
Meu Eu diz que está cansado de Mim  
depois que leu o meu Eu  
ao Dr. R. D. Ling.  
Me acuda Dr. Sig-Ming-Fring  
pois o meu Eu quer matar o meu Mim.

Dr. SIG:

"Ah, então tú és Epopeu  
o herói de mil combates  
por todos os mares do Si?  
Não se preocupe tanto, Pepeu  
porque tal façanha  
do Eu enrubar o próprio Mim  
até hoje só Ourobours  
cumpriu."

(Fragmento de "Junk-Box"-Uma  
Tragicomédia nos Tristes Trópicos).

sérgio sant'anna

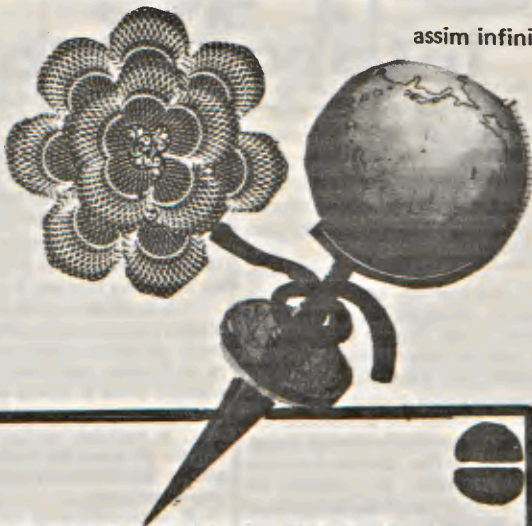


## ECO DOS EGOS

E então a pedra abateu o herói  
E ele caiu, qual água nos braços da sereia  
E a zona morte, atingida do seu corpo  
Ficou no sopro da poeira  
Assim deixada, feito porta fechada  
Acorde os acordes dessa manhã  
E as rãs sorriem, eu sei  
E pena o sol não me ver  
Com seus raios que partem do colo das nuvens, são tantos, no meio de tantas, assim infinitas

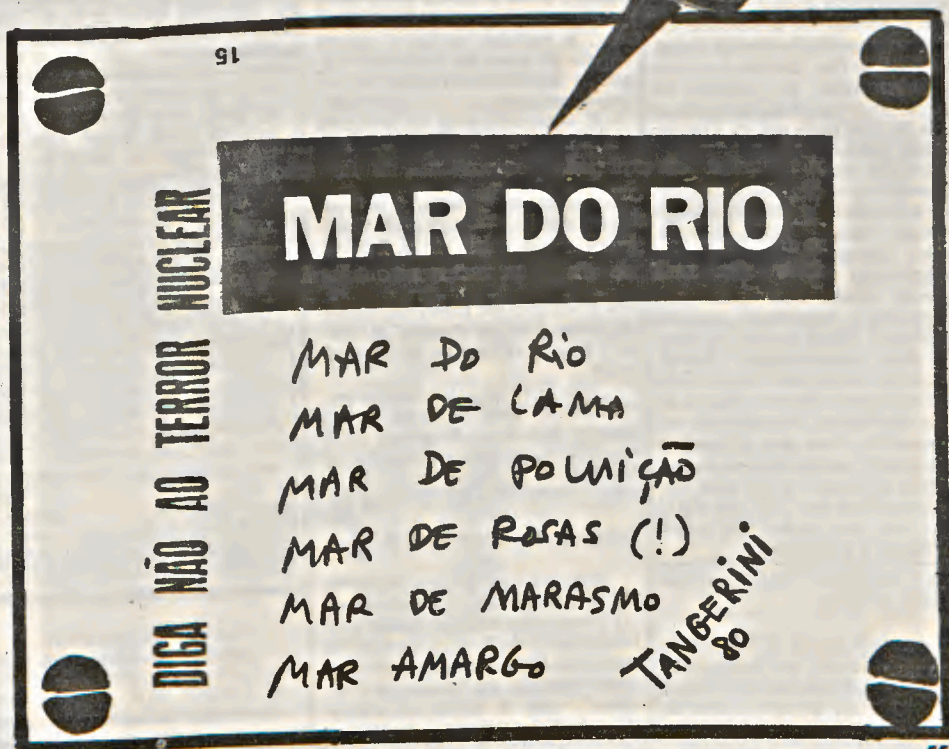


E o herói  
Já não fala, fica  
Cal, calado ou risada no rosta branco  
Seus olhos se fecham  
Fechados, feito mordidas  
De desejos que se agarram  
E se namoram  
Um no outro



assim infinitos

sebastião





No nosso número anterior publicamos um artigo de Octávio Alberola, ganhador do Prêmio Viejo Topo e autor de vários estudos sobre o movimento libertário na Espanha. Alberola, que desde os 19 anos milita na Federação Ibérica da Juventude Libertária e na CNT, vive há longo tempo no exílio. Devido à sua situação irregular foi expulso da Bélgica, onde havia se refugiado, e desde 74 não pode sair da França, acusado juntamente com outros 9 anarquistas de cumplicidade no seqüestro de um banqueiro espanhol praticado pelo GARI (Grupo de Ação Revolucionária Internacional). Um grupo que exigia a libertação dos presos políticos na Espanha. Desde essa época eles aguardaram o julgamento, que foi denunciado pelos comitês de anistia e pela Coordenadoria Libertária Latino-Americana como uma ação franquista, mesmo depois da morte de Franco. Finalmente, no 1º semestre deste ano Alberola e os outros 9 companheiros foram julgados inocentes, o que pelo menos demonstra que hoje em dia já não é tão fácil armar um outro caso Sacco e Vanzetti.

#### UMA "ALDEIA" NA GAROA DE SÃO PAULO

Freguesia do Ó é um bairro periférico paulista, um desses bairros periféricos brasileiros. É como naqueles países africanos onde se fala uma multiplicidade de línguas,

onde convive uma diversidade de etnias, mas que todos sustentam o orgulho de serem africanos. Na Freguesia do Ó é assim — nordestinos e paulistanos — a vida rola; negros, índios e cangaceiros da madrastra fábrica, à mãe favela.

Célio disse que lá é um lugar louco, de uma aura deslumbrante, onde convive a massa trabalhadora de Sampa, com uma juventude maluca, onde o samba come solto nos fins de semana, os funk dançam, a cachaça repete a mesma ovação de boca em boca e a marginalia (bandidos e loucos) se misturam nas ruas.

É nesse ambiente de luta pela sobrevivência e de lances bem ao gosto de um punk mulato que surgiu a revista "ALDEIA". Esta é uma revista de variedades, de poesias à resuscitação de heróis brasileiros — de Lampiões a Zumbis; tudo marcado pela forte presença de uma preocupação existencial, das aflições do povo, da cultura do povo. Por isso mesmo "ALDEIA" é uma revista de cultura popular.

Para os que se interessam, "ALDEIA" abre as portas da sua cidade: fica lá na Freguesia do Ó em São Paulo-SP, a Caixa Postal 14197.

O futuro, a quem pertence?



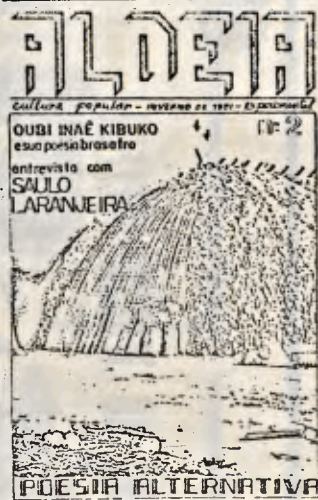
Mais um lançamento da Editora "A". Desta vez, a 2ª edição de "O Futuro Pertence ao Socialismo Libertário", de Daniel Guerin. De início os editores atacam a sacra desinformação de "todos os marxistas". Não é outro socialismo além do "científico", o de Marx e

Engels, dizem eles. Lêdo engano; o socialismo libertário "é a única esperança para nosso mundo dilacerado".

Não fica por aí; o pensamento marxista é separado em duas fases etárias: o jovem Marx é elogiado como filósofo e, como no velho Marx, também não é infalível. O certo seria uma reavaliação do marxismo "com uma vigilância libertária". Depois Guerin dá um breve passeio crítico sobre o socialismo autoritário, mais precisamente sobre o leninismo, tendo o cuidado em não confundí-lo com o estalinismo.

Calcado em Milovan Djilas (La Nouvelle Classe Dirigeante) e em Michael Collinet (Du Bolchevisme), o autor ataca Lenin, desta vez sobre a concepção blanquista de Partido. Depois de atacar, Guerin é atacado por Sartre. No livro que aborda a Revolução Francesa, Sartre não concorda com as causas da "Guerra Revolucionária" levantadas por Guerin, que acredita ser esta "uma passagem relativamente secundária" do seu livro.

Mas não é só isso; "O Futuro pertence ao socialismo libertário", dividido em duas partes e anexos, de um modo geral traz interessantes capítulos sobre as vastas concepções que envolve a questão dos socialismos.



NAVIO NEGREIRO:  
Caminhos da escravidão

Desenhos e texto de Godi,  
inaugura a série das publicações



populares das Edições Paulinas. Em *Navio Negreiro*, o autor conta uma história mítica e realista da saga da escravidão.

Godi, com uma considerável produção teatral, por exemplo a *Revolta dos Búzios* (publicado na Barbárie nº 3), levante social ocorrido em 1798 na cidade de Salvador e que dentre outras questões, a da discriminação racial sofrida pelos negros; desta vez joga nos quadrinhos as interrogações existenciais do pequeno Zambi ao seu pai Zambelê, ambos de origem iorubá e escravos em campos baianos. Zambelê narra as aparições sinaléticas de Xangô Agodô, os perigos eram traduzidos nos búzios de Ibejê. Tudo em vão, os descasos aos avisos de perigo, as brigas internas, a invasão dos inimigos de além-mar tomaram de surpresa a gente iorubá e inicia-se a saga da escravidão: as capturas, o Forte Mar, os porões, as novas terras e nelas a resistência nas ruas, nos quilombos, são os ensaios da libertação.

*Navio Negreiro* é assim, da mãe África ao eito, um capítulo da história negro-africana contada por um malungo da sua raça.

Quem tiver afim de transar um contato, escreva para Antônio Jorge (GODI), Rua Amparo do Tororô, nº 181, Salvador-BA. - 40.000.

## publicações à venda

O FUTURO PERTENCE AO SOCIALISMO LIBERTÁRIO, de Daniel Guérin, Ed. "A" (Cr\$300).

GENEALOGIA DO BANAL, de Marcus do Rio, Ed. Barbárie (Cr\$150).

CERIMONIAL PARA UM MASSACRE, (teatro), de Jorge Lima Alves, Ed. Mandrágora, Portugal (Cr\$120).

A IMAGINAÇÃO DO ROXO, (teatro), de Manuel Almeida e Souza, Ed. Mandrágora (Cr\$50).

REVISTA AUTOGESTÃO Nº 4, (Cr\$50).

REVISTA ZARATUSTRA Nº 1, (Cr\$60).

revista barbárie, assinatura de Manuel Almeida e Souza, Ed. Mandrágora (Cr\$50).

REVISTA AUTOGESTÃO Nº 4, (Cr\$50).

REVISTA ZARATUSTRA Nº 1, (Cr\$60).

REVISTA BARBÁRIE, assinatura por 5 números: comum (Cr\$1.000), de apoio (Cr\$1.500). Pedido Mínimo: Cr\$500 (as despesas de correio são por nossa conta).

Envie seu pedido junto com um vale postal ou cheque nominal pagável a:

Jorge Luciano Albuquerque de Oliveira.

Caixa Postal 2454 - 40.000 - Salvador-Bahia

Nicolas Berh (Livros de Poesia) SOS - F-303 - Brasília - D.F. - 70298.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

REVISTA AUTOGESTÃO Nº 4 - Caixa Postal 11277 - CEP 05421 - São Paulo-SP.

OS LIBERTÁRIOS - Editora A - Caixa Postal 10563 - Porto Alegre-RGS.

SO INIMIGO DO REI - Caixa Postal 2540 - CEP 40.000 - Salvador-BA.

REVISTA RUTA - Publicacion Acrata - Apartado 61.881 - Caracas 106 - Venezuela.

THE OPEN ROAD - Box 6135, Sta. G Vancouver, B.C. Canadá.

BUREAU OF PUBLIC SECRETS - P.O. Box 1044 - Berkeley-California 94704 - EUA.

AGORA - Informations Libertaires Internationales - B.P. 3187 31027 - Toulouse-Cedex - França.

LE MONDE LIBERTAIRE - 3, Rue Ternaux. 75011 - Paris-França (Órgão da Federação Anarchiste).

UMANITÀ NOVA - (Settimanale Anarchico). Federazione Anarchica Italiana. Redazione: Gianni Costanza, Cosella - Postale 12-90133 - Palermo-Itália.

REVISTA AUTOGESTIONE - (Revista trimestrale Per L'Azione Anarcosindicalista). C.P. 17127. 20100 - Milano-Itália.

TIERRA Y LIBERTAD - C/Guilart. Cerrada de Copérnico, 5, ciudad Brisa. Naucalpan, Edo de México.

BICICLETA - (revista de comunicaciones libertarias). Nave, 12-2º, Valencia-2 - Espanha.

COMUNIDAD - (libertários uruguaios exilados), P.O. Box 15.128 - 10465 Stockholm-Suécia.

BLACK AND RED. - P.O. Box 9546, Detroit, Mich. 48202, USA.

REBU - (revista de poesia). Rua Contagem, 254 - João Monlevade - 35930 - MG.

POESIA LIVRE - Rua Cláudio Manuel, 713 - 30.000 - Belo Horizonte-MG.

ANARCHIST REVIEW - Over the Water, Sanday, Orkney, KW17 282 UK.

BLACK FLAG - Over the Water, Orkney, KW17 282 UK.

SOLUX - Jornal literário. Rua Cecília Santana, 100 - CEP 03622 - São Paulo-SP.

COMUM UNIDADE - Caixa Postal 19139 - V.N. Conceição - 01000 - SP.

ARTE POSTAL/MAIL ART - ENDEREÇOS

LUCHTPOST  
PAR AVION

▶ Alberto Harrigan  
Rua S. Clemente, 283/504  
22260 - Rio-RJ - Brasil

▶ Gino Gini  
Via Montecatini, 15  
20144 - Milano - Itália

▶ A.L.M. Andrade  
Rua Barros Falcão, 410/203  
40.000 - Salvador-Ba - Brasil

▶ G.A. Cavellini  
16, via Bonomelli  
25100 - Brescia - Itália

▶ Anna Carolina  
Largo dos Leões, 30/703  
22260 - Rio-RJ - Brasil

▶ Hélio Lete  
Rua Cel. Ernesto de Oliveira, 52  
11680 - Ubatuba-SP - Brasil

▶ C.D.O. (Comunicazione Visive)  
Via dei Farnese, 9  
Parma - Itália

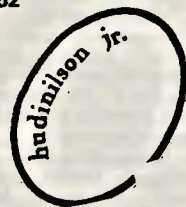
▶ Hudinilson Jr.  
Rua Pereira Caldas, 250  
01546 - São Paulo-SP - Brasil

▶ Cláudia  
Al. França, 552  
01422 - São Paulo-SP - Brasil

▶ Joaquim Branco  
Av. Astolfo Dutra, 247  
36770 - Cataguases-MG - Brasil

ARTE POSTAL  
URGENTE

ART  
POSTAL



MAIL

▶ David Zack  
Nickle Arts Museum - The University of Calgary  
2920 - 24 Avenue N.W. - Calgary, Alberta - T2N 1N4 - Canadá

ART

▶ Ken Saville  
Box 4662  
Albuquerque, N.M. - 87196 - USA

▶ Marcus do Rio  
C.P. 6393  
40.000 - Salvador-Ba - Brasil

▶ Leonhard Frank Duch  
C.P. 922 - 50.000 Recife-PE - Brasil

▶ Orlando Pinho D-Silva  
Rua do Sodré, 95-A (Bar Mimosa)  
40000 - Salvador-Ba - Brasil

▶ Lomholt Formular Press  
Akjaervej 49 - Falling  
DK - 8300 - Odder - Danmark

▶ Paulo Bruscky  
C.P. 850  
50000 - Recife-PE - Brasil

GRAFITTI



OH PUN LEGS

ARTE postal **ARTE VIA AEREA**



★ Pat Larter  
R97 Bringelly Road  
Luddenham N.S.W. 2750 - Austrália

★ Robin Crozier  
6B - Tunstall Vale, Sunderland SR2 7HP - England

★ Jaldete Soares  
Rua Siqueira Campos, 34  
58100 - Campina Grande-PB - Brasil

★ Terezinka Pereira  
Univ. of Colorado, Dept. of Spanish & Portuguese  
Boulder, CO 80309 USA

★ Albenísio Fonseca  
Rua Pero Vaz, 141  
40000 - Salvador-BA - Brasil

★ Ulisses Carrión  
Bloemgracht 121, Amsterdam, Nederland

★ David McImans  
30 Hight Haith RQ.  
Arlington, MA. 02174 - USA

★ Vittore Baroni  
Via Raffaele, 2  
55042 - Forte dei Marmi (LU) - Itália

★ Damaso Ogaz  
Apartado de Correos 50531  
Caracas 105 - Venezuela

★ Rogério Nazari  
República, 541/901  
90000 - P. Alegre-RG - Brasil

★ Harley  
P.O. Box 268  
Oberlin - Ohio - 44074 - USA

★ A. de Araújo  
C.P. 7110  
20405 - Rio-RJ - Brasil

★ Maynard Sobral  
Gustavo Sampaio, 1534 (altos)  
60000 - Fortaleza-Ce - Brasil

**ARTE  
É  
VIDA  
DUCH**



*unesp arte*

**IMPRIME  
A TAXE REDUITE**

ARTE POSTAL ARTE CORREIO MAIL ART

**SUICIDARTE**

*La Pirini*



Envie o cupom com um vale postal pagável a: **Jorge Luciano Albuquerque de Oliveira**. Caixa Postal 2454, 40.000. Salvador. Bahia. Preço da assinatura por 5 (cinco) números: Comum Cr\$1.000,00 (hum mil cruzeiros), de apoio CR\$1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzeiros). Marque com um X os números que deseja receber (3) (4) (5) (6) (7) (8) (9) (10).

NOME \_\_\_\_\_

END.: \_\_\_\_\_

BAIRRO \_\_\_\_\_ CID.: \_\_\_\_\_

ESTADO \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_

*baganas! \**  
*a última*  
*fumaça,*  
*que engole*  
*o mel*  
*e*  
*da mais um*  
*tapa,*  
*e outro*  
*e mata!*

**ZECA DE MAGALHÃES \***  
**CALIGRAFIA: LENIEL JAIR.**



## Genealogia do banal

“Mesclando neo-anarquismo filosófico com certa liberdade poética, o autor discorre com inteligência e criatividade sobre fenômenos das comunicações, novas tendências do pensamento moderno, anarquia, lazer e espetáculo, o erótico e o monetário em Dali, Duchamp, Lennon, a boca de Mick Jagger, Zappa a estética de Andy Warhol, dosando genialidade (...) e humor (...), ousadia (...) e esclarecimento (...). Uma barbaridade rara que não deve ser rejeitada por quem pensa a realidade.”

*Paulo Klein (Revista Íris)*

Genealogia do Banal — Cr\$200,00



---

la represion a los homosexuales en la argentina \* próximo número \* \*

---



unesp 

**Cedap**

Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa  
Faculdade de Ciências e Letras de Assis



**VOTA?**

**não,  
obrigado**

